

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS DO ENSINO
SUPERIOR
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

Sanderson Alcântara Moreira

**LÍNGUA E IDENTIDADE NO CONTEXTO NIGERIANO: UMA ANÁLISE DE
"AMERICANAH", DE CHIMAMANDA ADICHIE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**RIO DE JANEIRO
2022**

Sanderson Alcântara Moreira

**LÍNGUA E IDENTIDADE NO CONTEXTO NIGERIANO: UMA ANÁLISE DE
"AMERICANAH", DE CHIMAMANDA ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas do Ensino Superior, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos da Silva Borges

**RIO DE JANEIRO
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

M838 Moreira, Sanderson Alcântara
Língua e identidade no contexto nigeriano: uma análise de
"Americanah", de Chimamanda Adichie / Sanderson Alcântara
Moreira. — 2022.
80f. : il. ; enc.

Projeto Final (Graduação) Centro Federal de Educação
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2022.

Bibliografia : f. 78-80

Orientador: Roberto Carlos da Silva Borges

1. Nigéria. 2. Linguagem e línguas. 3. Adichie, Chimamanda
Ngozi, 1977-. 4. Identidade social. I. Borges, Roberto Carlos da
Silva (Orient.). II. Título.

CDD 966.905

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

Dedicado a Jesus, meu Amigo e bom Pastor, e a todos que fizeram/fazem parte dessa jornada de lutas e alegrias comigo.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte dessa caminhada. Pessoas que já faziam parte da minha vida antes do LEANI, outras que tive o prazer de conhecer durante o curso, outras que conheci na reta final dessa jornada. A Deus, primeiramente, expresso toda minha gratidão. Não só pelo encerramento dessa etapa, mas por tudo o que Ele já fez, faz e irá fazer. Agradeço à minha esposa, melhor amiga e companheira nessa aventura que se chama vida; Tayane, você acompanhou cada momento dessa saga e foi meu apoio constante, dia e noite, enfrentando tanta coisa junto comigo. Te amo e minhas muitas palavras não podem expressar o quão grato sou a você. Aos meus amados pais, Francisca (in memoriam) e Paulo Roberto. À minha mãe, sou muito grato pelo amor incondicional, por todo incentivo, amizade, apoio e dedicação. Sua vida foi e é um presente de Deus na minha e eu sempre vou te amar. Pai, obrigado pelo seu amor, sua admiração e por ter forjado meu caráter para viver em um mundo tão difícil como esse. Ao meu irmão Paulo, que apesar de todas as nossas diferenças e todas as mudanças que aconteceram em nossas vidas, nunca deixou de me amar e me dar sua mão amiga. Te amo. Agradeço aos meus sogros Eduardo e Eliana e a meus cunhados, que a todo tempo me acolheram, me alegraram e me deram o suporte necessário nessa empreitada.

Aos meus amigos de vida, de anos. Você, que se importou com cada um dos meus dramas ao longo do LEANI, que me aconselhou, que ouviu e respondeu às minhas mensagens de áudio (que eram quase um *podcast* no *WhatsApp*, *and I'm sorry for that*), que tomou um café comigo e vibrou com cada passo que dei ao longo desses anos: obrigado, meu amigo, minha amiga!

A meus amigos leaninos que me cativaram e compartilharam comigo alegrias, dores, *memes*, cafés, afeto, empatia e desentendimentos (risos): César, Caio, Eduardo, Fluvierz, Gabriel, Matheuzinho e Paola. Sem vocês, esses anos teriam sido uma chatice. Vocês iluminaram minha rotina e hoje são parte da minha vida.

Aos meus amigos da Igreja Mesa Vineyard: eu agradeço a vocês por acompanharem meu progresso, orarem por mim nos momentos difíceis e serem aqueles com os quais posso partilhar meus fardos e minhas alegrias. Vocês são família e é bom me encontrar à Mesa com vocês.

Agradecimentos à minha equipe de pesquisa em materiais didáticos em língua inglesa, com quem trabalhei ao longo de quase toda a graduação: Prof. Alessandra, César, Jorcianne e Mariana. Alessandra, obrigado pela parceria, pela troca, pelas oportunidades e pela sua humanidade. Aos meus docentes do LEANI: *a huge thank you!* Vocês agregaram muito à minha experiência de vida. Com certeza, minha voz é eco de suas muitas vozes, como diria Bakhtin. Suas contribuições são também parte das lentes com as quais posso ler o mundo hoje. Em especial, agradeço ao Prof. Roberto Borges, meu orientador. Você é uma pessoa de uma humanidade e humildade indescritíveis e com quem tanto aprendi. Obrigado pelas discussões e pelos espaços de reflexão crítica que você nos proporcionou em suas aulas. Agradeço também aos colegas da turma de 2017, com os quais muito aprendi no espaço dialógico que junto criamos em nossas aulas.

Queria colocar muitos outros nomes aqui; certamente há nomes que não vêm à minha cabeça agora mas que, de alguma forma, participaram disso tudo. Aos listados e não listados: *thank you, merci beaucoup, muchas gracias* – obrigado!

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; [...] Os sujeitos não “adquirem” a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.
(BAKHTIN, Mikhail, 2006)

RESUMO

MOREIRA, Sanderson Alcântara. **Língua e identidade no contexto nigeriano: uma análise de "Americanah", de Chimamanda Adichie.** 2022. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

A presente pesquisa buscou investigar de que formas a obra "Americanah" (Chimamanda Adichie) retrata e problematiza as relações entre língua e identidade a partir dos conflitos e experiências de seus personagens nigerianos, voltando-se para uma perspectiva contra-hegemônica. Para tal fim, lancei mão da Análise Textual Discursiva como metodologia de análise, buscando levantar enunciados que se voltassem às relações entre língua e identidade. O processo de categorização resultou em sete categorias emergentes. Em uma perspectiva mais interpretativa e crítica – e não meramente descritiva –, busquei aporte teórico nas contribuições de Stuart Hall, bell hooks, Frantz Fanon, Grada Kilomba e Aníbal Quijano para analisar e discutir os dados levantados. Os resultados da análise, expressos por meio de metatextos descritivo-interpretativos, apontam para uma estreita relação entre língua e identidade que é estabelecida sempre em uma assimetria hegemônica de poder entre o nigeriano e o seu Outro. Há um cenário de constante tensão e conflito no qual o indivíduo periférico sofre imposição da língua hegemônica e assume diferentes identidades estratégicas na presença de outro nigeriano ou do seu Outro britânico ou norte-americano. A obra assume ainda um viés decolonial, trazendo alguns personagens que subvertem a lógica colonial que os subjugava ao questionarem tal imposição linguística – buscando assumir um papel de sujeito e não de uma identidade subordinada. Além de revelar uma pluralidade de ingleses ao abordar o inglês nigeriano com seu sotaque e formas de falar próprias, a obra permite o contato com uma realidade periférica ainda pouco conhecida/invisibilizada, conta histórias não contadas, complexa vidas cristalizadas e valoriza saberes deslegitimados.

Palavras-chave: Nigéria. Chimamanda Adichie. Língua Inglesa. Decolonialidade. Identidades Culturais.

ABSTRACT

MOREIRA, Sanderson Alcântara. **Language and identity in the Nigerian context: an analysis of "Americanah", by Chimamanda Adichie.** 2022. 80 pages. Trabalho de Conclusão de Curso - Federal Center of Technological Education – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

This research aimed to investigate in which ways “Americanah” (by Chimamanda Adichie) portrays and problematizes the possible relations between language and identity, based on the conflicts and experiences of the Nigerian characters, from a counter-hegemonic perspective. For this purpose, I employed the Discursive Textual Analysis as methodology of analysis, identifying utterances that referred to the link between language and identity. The process of categorization resulted in seven emerging categories. From a more interpretative and critical perspective – beyond the mere description –, I found theoretical support in the contributions of Stuart Hall, bell hooks, Frantz Fanon, Grada Kilomba and Aníbal Quijano so as to analyze and discuss the data. The results of the analysis, communicated by the descriptive-interpretative metatexts, indicate a close connection between language and identity, which is always established in a hegemonic asymmetry of power between the Nigerian individual and their Other. There is a scenery of constant tension and conflict in which the hegemonic language is imposed on the peripheral individual, who assumes different strategical identities in the presence of another Nigerian or their British or American alterity. The novel also presents a decolonial approach, since some of its characters question such a linguistic imposition, subverting the colonial logic imposed – so that they play the role of subjects and not that of a subordinated identity. Besides revealing a plurality of Englishes as it approaches the Nigerian English with its accent and its own way of speaking, the story also makes possible the contact with a peripheral reality yet little-known/invisibilized, tells stories yet untold, reveals the complexity of crystalized lives and values neglected forms of knowledge.

Keywords: Nigeria. Chimamanda Adichie. English language. Decoloniality. Cultural Identities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Categorias emergentes da análise.....	41
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
1.2 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO	14
2 CONTEXTUALIZAÇÕES NECESSÁRIAS: A REALIDADE LINGUÍSTICA NA NIGÉRIA E A OBRA “AMERICANAH”, DE CHIMAMANDA ADICHIE	17
2.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA NIGÉRIA E SUA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA.....	17
2.2 CONTEXTUALIZANDO “AMERICANAH”	21
3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	26
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO: RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E LÍNGUA NO VIÉS DA DECOLONIALIDADE	26
3.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO: UM MERGULHO HERMENÊUTICO NO TEXTO ATRAVÉS ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA.....	35
3.2.1 Uma Tempestade de Luz: a hermenêutica da Análise Textual Discursiva na busca por novas compreensões.....	35
3.2.2 Procedimentos Analíticos.....	39
4 ANÁLISES E RESULTADOS	41
4.1 USO DO IGBO NO COTIDIANO.....	41
4.2 SOTAQUES E AFETAÇÕES LINGUÍSTICAS	43
4.3 CONFLITOS LINGUÍSTICOS E HEGEMONIA DA LÍNGUA INGLESA	55
4.4 SUPERVALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTRANGEIRA.....	60
4.5 EDUCAÇÃO.....	62
4.6 POSTURA CONTRA-HEGEMÔNICA	66
4.7 ELEMENTOS DA CULTURA IGBO	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao longo de minha trajetória, agrego diferentes experiências que me conduziram à escolha deste tema e à conseqüente realização deste trabalho. Um dos elementos que me trouxeram até aqui é a minha formação na área docente. Obtive meu diploma de Licenciatura em Física em 2011 pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, dois anos depois, iniciei o Mestrado Acadêmico em Ciência, Tecnologia e Educação no CEFET/RJ – este concluído em 2015. Ao longo do mestrado, realizei uma pesquisa na área de Formação de Professores, pesquisa a qual me aproximou do campo da análise do discurso ao me possibilitar lançar mão das contribuições de Mikhail Bakhtin como referencial teórico-metodológico. Já nutria uma grande paixão por línguas estrangeiras – em especial, pela língua inglesa. Perto de finalizar meu mestrado, deparei-me com um pôster no *campus* Maracanã que divulgava o Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI), o que me deixou bastante interessado no referido curso. Ingressei no curso de LEANI em 2017 e foi dentro deste universo inter e multidisciplinar que pude mergulhar em diferentes mundos, sendo marcado por temáticas e saberes que tanto dialogaram comigo e contribuíram para minha constituição identitária. As problematizações de disciplinas como as de Identidades Culturais, de Estudos da Linguagem e Análise de Discurso foram extremamente importantes, proporcionando-me lentes mais críticas para enxergar as atuais tensões existentes nas relações entre língua, identidades, linguagem/discurso, culturas e questões étnico-raciais – temas muito caros a mim: um homem negro, periférico, professor de inglês e extremamente interessado pelas nuances do verbal e do extraverbal.

A presente proposta de pesquisa nasce de uma atividade realizada na disciplina de Culturas de Países de Língua Inglesa, em 2019/2, no curso de LEANI, no CEFET/RJ. Na referida atividade, apresentei juntamente com uma colega de turma um seminário sobre a Nigéria e suas questões linguísticas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Em suma, o trabalho foi um panorama geral do contexto nigeriano, uma imersão inicial no universo anglófono fora de seu eixo hegemônico

(Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália etc.). Tal seminário nasceu da inquietação tida pela dupla ao saber da desqualificação do filme nigeriano “*Lionheart*”, dirigido por Genevieve Nnaji e produzido pela *Netflix* Nigéria. O filme concorria ao Oscar na categoria de Melhor Filme Internacional. Nesta categoria, é requisito que o filme seja produzido fora dos Estados Unidos e se desenvolva majoritariamente (mais de 50%) em uma língua local que não seja o inglês. “*Lionheart*” emprega línguas nigerianas autóctones, mas também emprega a língua mais falada: a língua do opressor (hooks, 2008), o inglês. Com a dominação britânica imperialista, o inglês se tornou também língua dos nigerianos, dentre tantas outras já existentes. O filme então foi desqualificado pela Academia por ser narrado na língua que o próprio colonizador impôs aos nigerianos, tornando-a assim sua língua de convívio social, das relações políticas, econômicas, culturais etc. Ao se deparar com tal notícia, a diretora e roteirista estadunidense Ava DuVernay declarou sua indignação no *Twitter*: “mas o inglês é a língua oficial da Nigéria. Vocês estão barrando este país de competir ao Oscar em sua língua oficial?” A diretora e atriz do filme “*Lionheart*”, Genevieve Nnaji, em agradecimento a Ava via *Twitter*, respondeu: “Este filme representa a forma como falamos enquanto nigerianos. Isto inclui o inglês, o qual funciona como uma ponte entre as mais de 500 línguas faladas em nosso país, fazendo-nos assim uma única Nigéria. ”

É a partir deste elemento motivacional que passei a buscar a entender um pouco mais desta realidade nigeriana, iniciando então uma imersão na obra da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, a qual havia conhecido por meio de sua célebre palestra “O perigo de uma história única” (*The danger of a single story*) na série de conferências *TED Talk*. A leitura de alguns de seus livros como “Hibisco Roxo”, “Meio Sol Amarelo” e “*Americanah*” me fez perceber a existência de uma pluralidade de realidades (sociais, culturais, linguísticas etc.) que se encontravam invisibilizadas por uma história única que eu possuía acerca do contexto nigeriano – que agora percebo ser tão complexo e rico.

Considerando minha imersão e interesse na língua inglesa, minha inclinação a uma abordagem que contempla língua e identidade como elementos imbricados e assumindo a existência de uma pluralidade anglófona e meu interesse pelo panorama sociocultural nigeriano – tanto a partir da minha experiência acadêmica como das leituras de Chimamanda Adichie –, abracei como tema o contexto linguístico nigeriano e seu complexo espectro envolvendo relações entre língua e

identidade. O tema escolhido é também local de confluência de diversos interesses atuais meus no campo acadêmico, como o pensamento decolonial, os estudos da linguagem e os estudos culturais.

A experiência linguística tida pela maioria dos indivíduos ao redor do mundo no âmbito da língua inglesa privilegia o inglês falado pelas realidades estadunidense ou britânica, sem contemplar realidades anglófonas outras, como a própria Nigéria. Diante da invisibilidade destes contextos linguísticos e da visão mítica que ainda perdura acerca de um inglês “ideal”, neutro, único ou original – onde se deve falar “sem sotaque”, aprender a falar “como o nativo”¹ – torna-se premente o ideal de quebrar a hegemonia linguística que sufoca a pluralidade de “inglês” existentes e invisibiliza os aspectos socioculturais que estão imbricados à questão linguística, aspectos os quais revelam a língua como espaço de disputa política de poder. Creio que a relevância deste trabalho de pesquisa se encontra justamente em sua proposta de somar às diversas vozes que hoje em dia têm lutado para este fim decolonial, enfocando a pluridiversidade sociocultural, epistemológica e linguística em detrimento do legado colonial que ainda assola contextos subalternizados.

Faz-se necessário também ressaltar a pluralidade de línguas locais existentes que por meio de um processo de imposição colonial se encontram hoje ameaçadas pela hegemonia da língua do opressor, sendo vistas como inferiores e desprestigiadas no juízo feito pelos próprios indivíduos das sociedades subjugadas.

1.2 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Considerando as experiências descritas anteriormente, tenho a seguinte questão como problema a investigar:

De que formas a obra “Americanah” (2014) de Chimamanda Adichie retrata e problematiza as relações entre língua e identidade e se volta a uma perspectiva contra-hegemônica, a partir dos conflitos e experiências dos seus personagens?

¹ Cf. RAJAGOPALAN, K. Linguagem e identidade. In: RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 23-36.

Para responder tal questão, proponho-me a identificar as relações entre os aspectos linguísticos e identitários apresentados na obra por meio de sua narrativa. Busco analisar enunciados da obra que retratam as questões linguísticas evidenciadas pelos conflitos e experiências tidas pelos personagens nigerianos, os quais se veem em uma relação entre subalterno e dominador no contato com os contextos britânico e estadunidense e lidam com questões relacionadas às suas identidades. Destarte, busco:

- Identificar enunciados da narrativa que abordem a relação entre aspectos linguísticos e identitários na experiência dos personagens nigerianos da obra;
- Levantar possíveis articulações entre o aporte teórico e o conteúdo dos enunciados levantados conforme o item anterior, por meio da Análise Textual Discursiva;
- Analisar o potencial que esta produção cultural tem a partir destas articulações para contribuir para uma perspectiva decolonial e contra-hegemônica da realidade linguística nigeriana e de seus aspectos culturais e identitários.

O tema escolhido enquanto objeto de investigação é perpassado por diversas questões que precisam ser contempladas através de lentes críticas. Dentre tais questões, nomeio aqui a problematização das relações entre língua e identidade, a colonialidade do poder e a questão da anglofonia na realidade multilíngue da Nigéria. Contemplando este fim, recorro a um aporte teórico que conjuga as contribuições de Stuart Hall (2006) no campo dos Estudos Culturais e a perspectiva decolonial presente nos pensamentos de Aníbal Quijano (2005), Grada Kilomba (2021), bell hooks (2008) e Frantz Fanon (2008).

Sendo esta uma pesquisa de caráter qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) orientada a uma perspectiva interpretativa e crítica das relações entre identidade e língua, uma abordagem discursiva oferece um melhor aporte na leitura dos enunciados da obra selecionada. Tendo em vista que este trabalho se trata de um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação – ou seja, há uma limitação de tempo para sua realização – e a natureza textual do objeto de estudo, optei por empregar uma metodologia de análise que me permitisse ir para além do descritivo, abrindo possibilidades para interpretação dos dados, porém sem a necessidade do aprofundamento e labor que a Análise de Discurso exige. Neste sentido, encontrei

na Análise Textual Discursiva, proposta por Moraes e Galiazzi (2011), o aporte metodológico adequado para o trabalho por dar margem à interpretação e à crítica minimamente necessárias para responder às questões aqui postas. Além disto, a Análise Textual Discursiva abre caminhos para a formulação da crítica, o que também é alvo desse trabalho. Segundo os autores, a Análise Textual Discursiva se coloca em uma posição intermediária entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso, contemplando tanto a descrição quanto a interpretação por parte do investigador. Busquei seguir aqui os momentos do ciclo metodológico descrito pelos autores: **a) desmontagem dos textos (unitarização)**; **b) estabelecimento de relações (categorização)**; e **c) captação do novo emergente (metatextos descritivo-interpretativos)**.

Estrutura do TCC:

Além desta introdução (**capítulo 1**), o presente Trabalho de Conclusão apresentará ainda três capítulos:

No **capítulo 2**, apresento uma breve contextualização do contexto linguístico da Nigéria e da obra literária analisada neste trabalho;

No **capítulo 3**, abordo o referencial teórico, que conta com autores que dão base para discussão da relação entre identidade e língua e que abordam o pensamento decolonial. Estão congregadas aqui as contribuições de Stuart Hall, bell hooks, Frantz Fanon, Aníbal Quijano e Grada Kilomba. Apresento neste capítulo ainda o referencial metodológico, contando com a Análise Textual Discursiva proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi.

No **capítulo 4**, trago a análise dos enunciados da obra a partir da Análise Textual Discursiva e os resultados da análise à luz do referencial teórico.

Ao final deste trabalho serão apresentadas as **considerações finais** com base nos resultados obtidos a partir das análises realizadas. Saliento que tais considerações estão longe de ser uma conclusão final encerrada em si mesma.

Por fim, são apresentadas as **referências bibliográficas** que foram consultadas na realização deste trabalho.

2 CONTEXTUALIZAÇÕES NECESSÁRIAS: A REALIDADE LINGUÍSTICA NA NIGÉRIA E A OBRA “AMERICANAH”, DE CHIMAMANDA ADICHIE

2.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA NIGÉRIA E SUA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA

Pode-se dizer que República Federal da Nigéria é de fato um Estado multilíngue no continente africano: mais de 521 línguas são faladas no país. Ogunmodimu (2015) sugere que ter um panorama histórico das sociedades tradicionais do passado nigeriano nos permite compreender melhor a complexidade da realidade linguística existente no país.

Muito antes da chegada dos britânicos e de outras nações, a atual região da África Ocidental já abrigava diferentes impérios e reinos (UDO ET AL., 2019). Segundo Visentini (2010), os yorubas e os igbos já eram povos com tradições mercantis e sistemas de governo bastante estruturados. Enquanto os igbos habitavam comunidades mais primitivas, os yorubas viviam em cidades muradas com ruas amplas. Um terceiro grupo mais diversos, dos hausa-fulani, viviam em uma sociedade mais centralizada na figura dos emires e, conseqüentemente, não tinham mobilidade social. De acordo com Andrade (2017), a região em torno da atual Nigéria foi ocupada por diferentes sociedades sofisticadas e influentes entre o século XV e a invasão colonial europeia.

Assim, como salientado por Ogunmodimu (2015), o que foi constituído por Nigéria havia sido outrora um território marcado por uma diversidade de grupos étnicos possuidores de aspectos históricos, linguísticos e culturais próprios e distintos. Tais grupos estavam em constante interação sociopolítica uns com os outros. Tal interação proporcionou intercâmbios socioculturais e linguísticos entre tais povos e, como consequência, houve empréstimos linguísticos e a adaptação de novos vocabulários e padrões, porém não de forma impositiva.

No século XVI, deu-se início à imposição linguística do inglês na região a partir da chegada de missionários e comerciantes britânicos à costa de Lagos e Calabar (OGUNMODIMU, op.cit.). Os indivíduos escravizados que haviam apreendido a língua inglesa acabaram por difundi-la, servindo até mesmo como intérpretes para os missionários. Embora europeus já estivessem presentes pela costa nigeriana antes do século XIX, foi somente a partir do final deste mesmo

século que a dominação inglesa se deu por completo, com a unificação administrativa forçada dos diversos grupos étnicos locais. Com o domínio europeu sobre a África e posteriormente a Conferência de Berlim (1884-1885), que regulamentou a “partilha” do continente em 50 colônias entre países europeus, diversos grupos étnicos nativos foram segregados e fundidos uns com os outros, a despeito de suas singularidades culturais, religiosas e linguísticas. Destarte, é a partir deste instante de pleno controle colonial que a língua inglesa passa a se tornar a língua da administração do novo território dominado pelos europeus, regendo a vida dos agora denominados nigerianos nas esferas administrativa e civil. Outro elemento crucial que catalisou a imposição linguística britânica sobre os grupos autóctones foi a educação.

O lugar de destaque da língua inglesa no contexto nigeriano e a sua assimilação é fruto da sua imposição como língua oficial do sistema educacional implementado pelos britânicos na Nigéria. Fabunmi (2005) observa que a legislação educacional nigeriana teve seu início com a Ordenação Educacional de 1882 nos territórios da África Ocidental Britânica (Lagos, Costa do Ouro - atual Gana -, Serra Leoa e Gâmbia). A Ordenação Educacional de 1882 tornou-a assim a língua de instrução nas escolas, sendo que somente em 1887, por reivindicação dos nigerianos, é que houve reconhecimento das línguas locais no contexto escolar.

Ogunmodimu (2015) salienta que, no período colonial, o inglês era visto também como um passaporte para ascensão social, uma vez era concebido como a língua das elites. A assimilação da língua inglesa entre os grupos do norte e do sul se deu de forma diferente: no sul, a receptividade foi mais positiva do que no norte, tal que as famílias ao sul tinham como meta a educação escolar para seus filhos para que assim fossem educadas na língua inglesa. Outra evidência desta receptividade sulista era a atribuição de nomes de batismo em inglês aos convertidos à fé cristã. Ao norte, o inglês encontrou como barreira a tradição religiosa islâmica, não sendo difundida eficazmente a proposta educacional imbuída de proselitismo religioso cristão.

Em 1960, a Nigéria se torna independente do poderio britânico, com o qual rompe definitivamente em 1963, tornando-se uma república (VISENTINI, 2010) sob a liderança yoruba conservadora do Partido Nacional Democrático Nigeriano após eleições supostamente fraudadas. Entretanto, a Primeira República não dura por muito tempo devido a um golpe de estado contra o governo central por parte dos

militares, colocando Aguiyi-Ironsi no poder. Em 1966, Aguiyi-Ironsi é retirado do poder por uma revolta de militares do norte, dando lugar ao governo militar de Yakubu Gowon na presidência. Ainda dentro deste contexto conflituoso é que nasce a República da Biafra em 1967, sendo esta uma tentativa dos grupos igbo em tornar sua região uma república independente. A Biafra chega ao seu fim em 1970, com as forças igbo derrotadas na luta contra o governo. Outro golpe de Estado foi dado em 1975 pelo general Murtala Mohammed contra Yakubu Gowon, conduzindo a Nigéria a um processo de democratização (levada a cabo por Olusegun Obasanjo após o assassinato de Murtala Mohammed, vítima de uma tentativa fracassada de golpe). Após uma reforma constitucional em 1978, houve uma chamada para eleições em 1979. A vitória de Shehu Shagari – primeiro presidente eleito democraticamente no país – dá início à Segunda República em 1979 e tem-se então mais uma Constituição da República Federal da Nigéria. Em suas seções 51 e 91, o documento estipula o que poderia ser considerado uma política linguística oficial do país. A seção 51 estabelece que as atividades da Assembleia Nacional deveriam ser conduzidas na língua inglesa e em hausa, igbo e yoruba; já a seção 91 prevê que as atividades da Casa da Assembleia deveriam ser em inglês, porém com a possibilidade de se ter como língua adicional uma ou mais das línguas faladas no Estado. Na interpretação de Ajulo (1990), isso se estenderia para outros corpos do serviço público federal, de acordo com a seção 277.

Em 1977, tem-se a primeira publicação da Política Nacional de Educação na Nigéria. De acordo com Anukaenyi (2019), tal documento – revisado em 1981, 1998 e 2004 – prevê que cada criança seja ensinada na língua de seu ambiente imediato nos três primeiros anos, sendo o inglês ensinado enquanto disciplina escolar. A partir do quarto ano, o inglês passa progressivamente a ser usado como meio de instrução e as línguas maternas e o francês tornam-se disciplinas escolares ensinadas.

A realidade na Nigéria pós-colonial é marcada por muita instabilidade política, com diversas implicações que acirram conflitos de níveis socioeconômico, cultural e étnico/religioso. No panorama linguístico, como bem sintetiza Ogunmodimu (op. cit., p. 156), “a situação linguística da Nigéria pós-colonial é então um complexo mosaico multicamadas das línguas exógenas e endógenas de importância linguística diversa”.

De acordo com Danladi (2013, p. 6), no atual cenário nigeriano, o inglês é oficialmente usado no contexto profissional, nos meios midiáticos e no campo educacional (acompanhado do igbo, do hausa e do yoruba). Tal pluralidade linguística que caracterizou o contexto nigeriano ao longo de sua história resulta em um cenário de conflitos linguísticos na contemporaneidade, configurando assim, segundo Ogunmodimu (op. cit.), duas dimensões: uma entre a língua inglesa e as línguas endógenas e outra entre as próprias diferentes línguas endógenas do país.

Além da língua inglesa, outras línguas exógenas estão presentes no país, como o francês e o árabe – este último fortemente presente na região norte devido à educação de matriz islâmica. Outra língua que se faz presente no cotidiano popular é o chamado pidgin nigeriano (Nigerian Pidgin English). De acordo com Danladi (op.cit.), o pidgin é uma língua que emerge da comunicação entre falantes de diferentes línguas que não compartilham de uma língua em comum. Seu vocabulário advém principalmente de uma língua em particular. À medida que esta língua emergente se desenvolve, sua estrutura irregular dá lugar a formas gramaticais e ela passa então a ser apreendida como uma segunda língua na comunicação entre pessoas de diferentes línguas. No caso do pidgin nigeriano, há uma mescla entre as estruturas gramaticais das línguas autóctones com palavras em inglês. O pidgin nigeriano se originou e se desenvolveu a partir da comunicação entre missionários e marinheiros britânicos com os habitantes da região. Hoje em dia, o pidgin nigeriano é frequentemente usado em áreas urbanas marcadas pela diversidade étnica – como Lagos –, tanto por pessoas com educação formal quanto por aquelas que não a possuem. Este amplo uso do pidgin, tanto em contextos mais formais como informais, contraria a visão de que esta língua é o código dos "não-letrados". O pidgin tem sido crescentemente usado pelas gerações mais jovens, fato que evidencia o alto nível de democratização da referida língua no país e a torna hoje uma língua altamente competitiva no cenário linguístico nigeriano. Segundo Danladi (op.cit.), embora o governo federal da Nigéria reconheça o papel vital que o pidgin nigeriano tem na aproximação às massas por meio dos veículos de comunicação, tal língua ainda não foi legal ou oficialmente reconhecida pela Constituição, como o são o inglês, o igbo, o hausa e o yoruba. De acordo com Ogunmodimu (op. cit.), o uso do pidgin é restrito apenas às interações do dia a dia, não sendo permitido seu uso nas escolas pelas crianças – o que mostra a superioridade do inglês em relação às línguas locais.

Dentre as línguas endógenas, três delas estão legalmente institucionalizadas pela Política Nacional de Educação e são denominadas “línguas majoritárias”: o hausa, o igbo e o yoruba. Estas três línguas são hoje faladas por mais de 20 milhões de pessoas – sendo este o motivo pelo qual possuem tal status. Outras línguas como o tiv, istekin, urhobo, esan, fulfude, ebira, nupe, kanuri, ibibio, efik e gwri são denominadas “minoritárias”, já que são faladas por um pouco mais de um milhão de pessoas. Além desta discrepância entre as línguas endógenas, há um crescente predomínio do hausa (ao norte) e do yoruba (ao sul) sobre as demais línguas, como já percebido no período pós-colonial.

Em publicação no *Daily Times* em 2014², a presidente da Associação de Linguística da Nigéria Chinyere Ohiri-Aniche disse que cerca de 400 línguas locais se encontravam ameaçadas de extinção, estando 152 fatalmente a ponto de serem extintas. Ohiri-Aniche esboça sua preocupação com o fato de tais línguas não serem ensinadas às crianças na escola e em casa, pedindo às escolas que garantissem que as crianças fossem ensinadas em sua língua materna nas séries primárias e secundárias (como prescrito na Política Educacional de Educação desde 1977) e que seus pais e mães estimulassem o uso de tais línguas em casa.

Como conclui Danladi (2013), embora o uso das línguas majoritárias locais tenha sido mais encorajado nos últimos anos, a língua inglesa permanece como língua oficial que rege diferentes esferas da vida pública nigeriana, uma herança colonial que segue suprimindo a autonomia das línguas autóctones e parametriza as relações sociais, culturais e identitárias no país.

2.2 CONTEXTUALIZANDO “AMERICANAH”³

Além de um breve panorama da complexa realidade linguística da Nigéria, faz-se necessária também a contextualização da obra a ser analisada neste trabalho⁴. Como já dito na introdução, busco entender de que formas o livro

² IPOL. Línguas da Nigéria estão em perigo. Disponível em: <http://ipol.org.br/linguas-da-nigeria-estao-em-perigo/>. Acesso em: 01 out 2021.

³ Informações retiradas do site oficial da escritora Chimamanda Adichie (<https://www.chimamanda.com/about-chimamanda/>) e de TUNCA, D. Biography. Disponível em: <http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>. Acesso em: 02 out 2021.

⁴ Ressalto aqui que analisei a obra traduzida para o português por Julia Romeu.

“Americanah” retrata o contexto linguístico nigeriano ao problematizar relações entre língua e identidade a partir das experiências dos personagens da narrativa.

“Americanah” foi publicado em 2013 e é de autoria da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Chimamanda nasceu em Enugu, em 1977. Filha de um professor universitário de Estatística, cresceu como uma jovem igbo com seus irmãos em meio ao ambiente da Universidade da Nigéria, em Nsukka. Sua mãe foi a primeira mulher a trabalhar como uma secretária administrativa na referida instituição acadêmica – onde posteriormente se tornou professora. Embora já tivesse iniciado seus estudos em medicina na Universidade da Nigéria, Chimamanda partiu para os Estados Unidos da América aos 19 anos, tendo ganhado uma bolsa para estudar comunicação na Universidade de Drexel, Filadélfia, por dois anos. Em seguida, graduou-se em Comunicação e Ciência Política pela Universidade Estadual de Eastern Connecticut em 2001. Obteve em seguida seu mestrado em Escrita Criativa na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Em 2008, obteve um mestrado em Estudos Africanos da Universidade de Yale, com a tese de título "O Mito da Cultura: Esboçando a História das mulheres igbo na Nigéria pré-colonial e colonial".

Ao longo de sua jornada acadêmica, ganhou bolsas de pesquisa da Universidade de Princeton (pelo ano acadêmico de 2005-2006), do Instituto Radcliffe da Universidade de Harvard (pelo ano acadêmico de 2011-2012) e a *MacArthur Fellowship* em 2008. Chimamanda foi considerada doutora *Honoris Causa* por diversas instituições de ensino.

Atualmente, Chimamanda é casada com o médico nigeriano Ivara Esege e tem uma filha, dividindo seu tempo entre a Nigéria e os Estados Unidos. Suas obras já foram traduzidas em mais de 30 línguas ao redor do mundo. A autora tem sido apontada como uma das maiores personalidades africanas, sendo descrita pelo *The Times Literary Supplement* como "a mais proeminente de uma procissão de jovens autores anglófonos aclamados pela crítica que está conseguindo atrair uma nova geração de leitores à literatura africana." Transformou-se em um ícone *pop* na atualidade, sendo bastante reconhecida por suas palestras da série TED *Talk* "The danger of a single story" (O perigo de uma história única), em 2009, e "We should all be feminists" (Deveríamos ser todos feministas), em 2012. Trechos de sua fala nesta última palestra foram usados pela cantora Beyoncé Knowles em sua canção "Flawless" em 2013 e o conteúdo da referida palestra foi tornado em livro em 2014.

Seu primeiro livro, "Hibisco Roxo" (2003) ganhou o *Commonwealth Writer's Prize* e seu segundo livro, "Meio Sol Amarelo" (2006), ganhou o *Orange Prize*. O terceiro livro, "Americanah" (2013) conquistou o *US National Book Critics Circle Award* e está entre os dez melhores livros de 2013 do *The New York Times*. Outros trabalhos da autora são o conjunto de contos "No Seu Pescoço" (2009), "Querida Ijeawele – Como Educar para o Feminismo" (2017) e seu mais recente trabalho, "Notas sobre o luto" (2021).

Suas obras abordam diversas temáticas relacionadas intimamente com a trajetória da autora, como gênero e feminismo, globalização, consciência cultural, a diáspora africana (NITONDE, 2017) e a história nigeriana. Seus livros, palestras e contos refletem seus interesses pelos temas supracitados e por outros que deles derivam, como a vida familiar e a religiosidade na Nigéria, o legado colonialista, relações étnico-raciais, questões identitárias, a Nigéria colonial e pós-colonial, a Biafra e outros.

Chimamanda se assume uma feminista, defendendo uma educação feminista nesta e nas próximas gerações. Como observado por Nunes (2016), Chimamanda parece ter uma visão clara de sua missão como escritora preocupada em rever a história da Nigéria, valorizando assim as raízes de seu povo e fazendo justiça quanto a um passado não debatido – como o caso da Biafra para os nigerianos. Destarte, seu ideário parece dialogar com uma perspectiva decolonial. Ao analisar a obra da autora e o suposto objetivo da escrita de Chimamanda, Nunes (2016) entende que a autora busca provocar o debate sobre questões que povoam o seu imaginário sobre sua própria nação, buscando uma conciliação com o passado. A autora estaria assim "ocupando um lugar político através das letras" (ibid., p. 144). Ainda no que tange ao teor de suas obras, Muniz (2020) compreende que

No deslocamento da autora, assim como o das personagens criadas por ela, há um reconhecimento da alteridade e de suas teias de possibilidades estratégicas, identitárias e de resistência caro à literatura pós-colonial, em que a produção de Adichie se inscreve, e esses ingredientes são mais claramente percebidos em um de seus romances mais consagrados, *Americanah* (2014) (ibid., p. 8).

Como descrito pelo próprio *website*⁵ da autora, *Americanah* é uma história de raça e identidade. A narrativa se passa inicialmente na Lagos dos anos 1990, quando a Nigéria vivia sob um regime militar. A história é centrada em dois jovens igbo, Ifemelu e Obinze, que viveram um romance em plena adolescência em um momento muito decisivo de suas vidas: o final dos anos escolares e o ingresso na vida universitária. Em seus capítulos iniciais, o livro narra a trajetória de Ifemelu, Obinze e seus amigos, abarcando suas experiências acadêmicas, dramas familiares, das viagens ao exterior, das experiências amorosas e aspirações. É em uma das interações entre Ifemelu e suas amigas que o termo “*americanah*” emerge na leitura, referindo-se a alguém que, após viver um tempo nos Estados Unidos, retorna ao seu país de origem comportando um novo sotaque em seu inglês e novos costumes, negligenciando aqueles que outrora abraçava como parte de suas raízes.

Os dois jovens protagonistas acabam tendo suas vidas separadas por suas escolhas e pelas oportunidades que surgem em seus caminhos. Ifemelu iniciara seus estudos na Universidade da Nigéria, em Nsukka, mas devido às recorrentes greves no campus e encorajada por sua tia Uju a estudar nos Estados Unidos, fez os exames para faculdades norte-americanas e acabou sendo aprovada. Seu namorado Obinze – que sempre nutriu uma grande admiração pelos Estados Unidos –, a encorajara a seguir em frente com tal empreendimento.

Ifemelu inicia então sua trajetória diaspórica, vivendo por anos em um país onde experimenta confrontos em diferentes níveis: os conflitos e a discriminação raciais ao estar num país onde ser negra é um marcador social, a xenofobia e o drama da migração, a relação alteritária entre negros africanos e norte-americanos, os problemas financeiros, a transição cultural, os problemas emocionais, relacionamentos afetivos interracial e intrarracial, dentre outras. A personagem encontra na *internet* uma forma de melhor lidar com as questões que vivencia em sua nova realidade: inicia um *blog*, onde publica suas reflexões acerca de temas étnico-raciais e problematiza a experiência de ser uma africana morando nos Estados Unidos e sua relação com negros norte-americanos. O pano de fundo histórico desta etapa na vida de Ifemelu é o do mundo pós-11 de setembro e da candidatura de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos.

⁵ Cf. AMERICANAH. Disponível em <<https://www.chimamanda.com/book/americanah/>>. Acesso em 02 out 2021.

O livro também narra a jornada diaspórica de Obinze na Inglaterra e as mudanças que vivencia nos âmbitos pessoal e profissional. Obinze experiencia na migração a clandestinidade, o racismo, a xenofobia e, por fim, o drama da deportação. De volta à sua terra, Obinze prospera financeiramente e inicia uma complicada vida familiar ao lado de sua esposa e sua filha.

Após quinze anos, as vidas de Ifemelu e Obinze voltam a se cruzar quando a jovem decide retornar à Nigéria. Uma nova jornada se reinicia, cheia de nostalgia e de indagações a respeito de um passado onde escolhas levaram a uma separação que mudou drasticamente a vida de ambos personagens. Ifemelu ingressa em um retorno a um lugar que agora é totalmente diferente e onde terá que viver os conflitos socioculturais com as tradições e costumes de uma Nigéria ainda tão marcada pelos traços da colonialidade.

Ao longo da narrativa, nos deparamos com diversos episódios em que questões linguísticas nos saltam aos olhos. Além da língua inglesa oficial, os personagens fazem uso da língua local igbo em determinados contextos, problematizam aspectos fonéticos (como os sotaques) e léxicos enquanto distintivos sociais, estabelecem uma relação alteritária e hierárquica entre as variações do inglês falado na Nigéria e aqueles usados nos Estados Unidos e na terra de seus invasores e expõem a forma como assimilam e enaltecem as culturas estadunidense e britânica em detrimento das suas raízes locais. São exatamente estes os pontos enfocados por este trabalho de pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO: RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E LÍNGUA NO VIÉS DA DECOLONIALIDADE

Como salientado no capítulo anterior, em "Americanah" nos deparamos com episódios em que personagens nigerianos igbo vivenciam experiências linguísticas e se encontram em um constante processo de identificação. Dentre as questões que emergem das experiências narradas, destaco aqui a centralidade da relação entre língua e identidade e os conflitos presentes no contexto multilíngue da Nigéria. Outro aspecto relevante na leitura desta obra são as tensões entre a periferia e os centros de poder ocupados pelas culturas hegemônicas no universo anglófono. Em outras palavras, as relações entre os nigerianos e os seus Outros (ingleses e norte-americanos). É no contato dialógico com essas duas realidades que se dão os processos de identificação dos personagens, configurando uma alteridade. Neste sentido, considero importante contar com os estudos sobre decolonialidade como uma das lentes para ler e compreender tal jogo de identidades e as relações de poder estabelecidas, além de suas implicações.

Sendo a relação entre língua e identidade um tópico central na narrativa, recorro primeiramente às contribuições de Stuart Hall. Segundo Hall (2006), o cenário pós-moderno (ou da modernidade tardia) é palco de uma suposta "crise de identidade", na qual "as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado" (ibid., p. 7). Tal crise é marcada por um duplo deslocamento, no qual os indivíduos tendem a se descentrar do lugar que ocupam no mundo social e cultural e também de si mesmos. Como já dito, enquanto outrora o indivíduo era compreendido como um ser unificado, centrado e imutável, a pós-modernidade concebe o sujeito como um alguém dotado de uma identidade mutável, inconstante, difusa. Destarte, a identidade é "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (ibid., p. 13). Assim, a medida que o indivíduo entra em contato com diferentes sistemas de significação e representação cultural, este passa a ser confrontado "por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (ibid., loc.cit.).

Em suma, a identidade na pós-modernidade é uma construção histórica dada através de processos inconscientes. Ao invés de fechada, acabada, se revela incompleta, em constante construção. Segundo Hall (op.cit.),

em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (ibid., p. 39).

No contato dialógico com o meio externo, o indivíduo passa por processo de identificação ao ser interpelado pelos elementos culturais constituintes desse meio e pelas diferentes identidades que o ocupam. Assim, múltiplas identidades no sujeito podem emergir a partir da identificação ou desidentificação deste com as identidades com as quais se depara.

Ancoradas em teóricos como Marilena Chauí e Mikhail Bakhtin, as autoras Coelho e Mesquita (2013) compreendem a linguagem, bem como a cultura, como um dos elementos constituintes do/constituídos pelo meio social onde os sujeitos estão inseridos. É ela a mediadora das relações sociais, permitindo nossa inserção em um lugar social. Segundo a filosofia da linguagem de Bakhtin, o sujeito é constituído pela linguagem e a mesma é constituída por ele. Para Bakhtin, a língua é fenômeno social da interação verbal, constituída por enunciações (enunciados) na comunicação entre os sujeitos falantes (CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011). Sua verdadeira substância “não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (BAKHTIN, 2006, p. 125). A língua não é algo imutável – assim como as identidades, ela está em constante processo de construção – e transmitido:

os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. Os sujeitos não “adquirem” a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (ibid., p. 110).

Articulando os conceitos de língua, cultura⁶ e identidade, Coelho e Mesquita (ibid., p. 32) concluem que “não há identidade desvinculada da língua, nem língua que não pressuponha a construção de uma identidade”. Assim, “a palavra é o meio pelo qual a cultura e a identidade se constroem e se disseminam. Ela é a mediadora da relação entre o homem e a cultura e entre estes e as identidades” (ibid., p. 33). Em outras palavras, as identidades dos sujeitos se constituem discursivamente nas suas relações dialógicas em um determinado meio social, estabelecidas por meio da linguagem/língua, sendo esta também elemento constituinte da própria cultura deste meio.

Sendo a língua um elemento imbricado na construção identitária do sujeito em sua interação com o seu outro, torna-se relevante pensar nas relações de poder, nos conflitos e nas assimetrias presentes nesse processo constitutivo. Contextualizando identidade e língua no cenário da obra em questão, faz-se necessário refletir sobre a relação entre ambos conceitos no âmbito de realidades periféricas, como a da Nigéria. Como apresentado na introdução deste trabalho, em paralelo à sua diversidade étnica, a Nigéria apresenta uma impressionante diversidade linguística e, neste panorama, destacamos a inter-relação entre a língua inglesa (herança da imposição imperialista britânica) com línguas autóctones como o igbo, o hausa e o yoruba.

Discutindo o lugar da linguagem nas relações de poder, bell hooks diz ter se despertado para uma consciência da ligação entre línguas e dominação, trazendo a noção de “língua do opressor” a partir do poema “Os incêndios de papel em vez de crianças”, de Adrienne Rich. É assim que a autora se refere então ao inglês padrão nos Estados Unidos da América, concebendo-o como “a língua da conquista e da dominação” (hooks, 2008, p. 858). A hegemonia do inglês americano suprimiu a diversidade de línguas outrora existentes e pertencentes a comunidades nativas no território. O problema não é a língua em si; não é ela que feria a autora, e sim o que os seus opressores fazem dela, usando-a como uma arma para envergonhar, humilhar e colonizar. Com a imposição colonial da língua inglesa, nativos americanos e africanos escravizados forçadamente trazidos à América tiveram suas

⁶ As autoras concebem “cultura” a partir da compreensão de Eagleton (2005) desta como um “conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de um determinado grupo social” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 27).

línguas autóctones roubadas de si, sem o direito de poder nelas se comunicar, sem o direito de pertencerem às suas comunidades étnicas ao terem sido misturados com outros negros que a eles lhes eram estranhos. Desprovidos dessa língua, elemento identitário, precisaram da língua do opressor para viverem, para se comunicarem: “esta é a língua do opressor, no entanto eu preciso dela para falar com você” (ibid., p. 858).

A língua inglesa fora imposta como a norma e os africanos precisaram aprendê-la, utilizá-la na esfera social como língua compartilhada para começar “a recuperar seu poder pessoal dentro de um contexto de dominação” e assim “encontrar de novo uma maneira de fazer comunidade, e um sentido para criar a solidariedade política necessária para resistir” (ibid., p. 859). Novas identidades são construídas nesse processo a partir da relação de poder alteritária entre o branco opressor americano e o africano escravizado oprimido.

Sendo a língua algo vivo, que está sempre em um processo de construção no seu contato com o sujeito, a língua hegemônica, agora apropriada pelos africanos, passou a ganhar novas nuances, sendo alterada e transformada em uma fala diferente: “o povo negro escravizado pegou pedaços partidos do inglês e fez deles uma contralíngua” (ibid., p. 859), agregando ao léxico desta língua palavras e sentidos que eram seus. Destarte, nasce o vernáculo negro no âmago da língua inglesa, como forma de subversão, resistência e de produção cultural e de epistemologias alternativas.

Frantz Fanon também disserta acerca da relação entre o colonizado e a língua do opressor no contexto francófono das Antilhas. No cenário descrito, a língua francesa ocupa o papel da língua opressora, acarretando em diversas consequências nas vidas dos negros e sendo também adaptada no uso cotidiano. Segundo Fanon (2008), atribui-se grande importância à linguagem pois é através dela que se existe para o Outro. Falar é “sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (ibid., p. 33). Em sua obra, o autor analisa de forma detalhada a relação entre o negro antilhano e a linguagem, a partir da sua relação com outros negros e com o branco colonizador. Sua percepção era de que “um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial...” (ibid., p. 33). Aqui, o autor começa a esboçar os aspectos das relações de poder e do jogo de identidades inerentes àquele contexto. Para Fanon (ibid., p. 34), “todo povo

colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Fanon usa frequentemente os marcadores “branco” e “negro” para se referir não somente à cor da pele, mas sim à posição ocupada na hierarquia social onde ser branco é ocupar um lugar de privilégio, de “civilidade” e aceitação social, sendo assim a norma. Desta maneira, “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (ibid., p. 34).

O autor descreve diversas situações que ocorriam aos seus contemporâneos antilhanos. Fanon discorre a respeito do domínio da língua do opressor pelos antilhanos na região: “aquele que se exprime bem, que possui domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco” (ibid., p. 36). Assim, a língua francesa é vista como a língua de poder, que confere prestígio e privilégio. Bem como em outros contextos, Fanon descreve a existência de uma outra língua paralela ao francês (língua oficial): o crioulo. Entretanto, o próprio sistema educacional exercia controle sobre os antilhanos para impedir que as crianças usassem a língua crioula, perpetuando assim o francês como a língua da vida social e administrativa da região. Fanon descreve o crioulo como um meio-termo entre o *petit-nègre* (língua híbrida misturando francês com línguas africanas) e o francês da metrópole. Ainda respeito disso, diz que

a burguesia das Antilhas não fala o crioulo, salvo nas suas relações com os domésticos. Na escola, o jovem martinicano aprende a desprezar o patoá. Fala-se do crioulo com desdém. Certas famílias proíbem o uso do crioulo e as mães tratam seus filhos de pivetes quando eles desobedecem (ibid., p. 36)

Outra experiência narrada é a do jovem antilhano na metrópole francesa. Segundo autor, este indivíduo que viveu um tempo na França é considerado um semideus por seus conterrâneos: “muitos antilhanos, após uma estadia mais ou menos longa na metrópole, voltam para ser consagrados” (ibid., p. 35). Além da vivência tida, este antilhano retorna ao lar portando consigo mudanças, afetações, especialmente no que diz respeito à língua e ao comportamento. Passa a portar-se

mais discretamente ao reencontrar os amigos, assume um timbre de voz rouco, com o sotaque afetado à maneira do sotaque da metrópole. Seus interlocutores, admiradores seus, concedem a estes o lugar de privilégio: “sua palavra era esperada” (ibid., p. 39). Em seus círculos sociais, parece não compreender mais a língua crioula, comum nas interações com seus conhecidos; só responde em francês e emprega uma linguagem totalmente diferente de sua coletividade. O floreio na linguagem – uso de expressões europeias e frases pomposas – teria como objetivo igualar-se ao branco europeu, apreendendo um capital simbólico que o coloca no topo da hierarquia social. Fanon (ibid., p. 38) pontua que tais mudanças no negro recém-chegado da metrópole ocorriam “não apenas porque de lá vieram Montesquieu, Rousseau e Voltaire, mas porque é de lá que vêm os médicos, os chefes administrativos, os inúmeros pequenos potentados”. Logo, o capital simbólico em questão representa uma série de oportunidades aos quais podia se ter acesso através do emprego língua do opressor e das novas identificações ocorridas no contato com a cultura metropolitana e o seu Outro europeu.

Apesar do empenho em se aproximar da identidade do seu Outro, o antilhano continuaria ainda a ocupar um lugar de inferioridade. Esta relação de poder, definindo lugares específicos do opressor e do subalterno, se dava também através da língua/linguagem: “um branco, dirigindo-se a um negro, comporta-se exatamente como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas” (ibid., p. 44). Outra situação é quando um branco utilizava o *petit-nègre* com um negro – ainda que não fosse intencional o intuito de humilhá-lo: o antilhano ficava estigmatizado como “aquele-que-fala-*petit-nègre*”. Como salienta Fanon (ibid., p. 46), “o branco, ao falar *petit-nègre*, exprime essa ideia: ‘você aí, fique no seu lugar!’”. Ao se deparar com o imigrante antilhano e perguntá-lo: “*desde quando você está aqui na França? Você fala bem o francês?*”, o europeu demonstra que possui uma ideia definida, cristalizada do negro que tem capacidade para apenas se expressar em *petit-nègre* e não na língua do opressor.

As relações de poder postas em discussão por bell hooks e Frantz Fanon são tema de profunda reflexão pelos estudos decoloniais, cujo um de seus expoentes é Aníbal Quijano. Quijano (2005) nos apresenta o conceito de colonialidade do poder enquanto “uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da conquista” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 19), direcionada à ocidentalização do outro. Em outras palavras, forças de

dominação da colonialidade operam na subalternação e no esquecimento dos processos sócio-históricos não-europeus.

Como observam Oliveira e Candau (op.cit., loc. cit.), “o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia”. As forças de dominação eurocêntricas se fundamentam na ideia de raça, forjando um sistema ideológico ainda dominante no século XXI e que sustenta práticas de diferenciação (e de naturalização desta diferenciação) e de subjugação intelectual cujas origens remetem à opressão colonial exercida sobre contextos periféricos. Pode-se dizer então que a colonialidade do poder opera na lógica de um traço comum a todos dominadores coloniais e imperiais: o etnocentrismo. Estes povos julgam-se naturalmente superiores, inferiorizando os povos colonizados e criando relações intersubjetivas e culturais alteritárias entre a Europa e o restante do mundo codificadas em novas categorias: “Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-razional, tradicional-moderno. Em suma: Europa e não-Europa” (QUIJANO, op.cit., p. 122). Nesse sentido, na perspectiva do eurocentrismo, a Europa é vista como exclusiva produtora e protagonista da modernidade, impondo-se como portadora do avanço humano por meio da difusão de sua cultura.

Diante da colonialidade do poder que ainda hoje alimenta as raízes colonialistas na periferia global, oprimidas pela dominação dos países hegemônicos do norte global por meio de suas culturas, línguas, saberes, crenças etc., Quijano (ibid., p. 139) entende ser “tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (ibid., p. 139). Tal perspectiva é o que podemos chamar de decolonialidade, a qual, segundo Ballestrin (GALLAS; MACHADO, 2013, p. 59) não se trata da mera superação do colonialismo: “a ideia de decolonialidade (ou descolonialidade) procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder.” De acordo com Bertagnolli (2015, p. 239), “a descolonialidade representa um método que vai além da transformação da descolonização, tendo como meta a reconstrução radical do ser, do poder e do saber”.

Pode-se dizer que hooks (op.cit.) assume uma postura decolonial ao conceber a fala vernácula como um espaço contra-hegemônico. Trata-se de “romper

com este imperialismo cultural que sugere que alguém só é digno de ser ouvido se fala em inglês padrão”, de empregar “a fala rompida, imperfeita, desregrada do vernáculo” para construir um lugar para a intimidade (ibid., 863). A língua vernacular é o lugar onde marginalizados podem submeter a língua inglesa ao seu controle: “nós tomamos a língua do opressor e a viramos contra ela mesma. Nós fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, liberando-nos de nós mesmos na linguagem” (ibid., p. 864). Assim, a voz de hooks (op.cit.) aponta para um protagonismo do periférico, que assume o espaço de produção do saber em suas próprias palavras, em sua própria língua.

Partindo da perspectiva decolonial apontada por bell hooks, Kilomba (2021) em “Memórias da Plantação” nos lembra que a língua “tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (ibid., p. 14). Assim, identidades têm sido e são definidas nas relações de poder a partir da atribuição de conceitos como o “Outro”, “Sujeito”, “Subalterna” etc. Dito isto, a autora emprega os conceitos de “sujeito” e “objeto” apresentados pela própria hooks (1989 apud KILOMBA, 2021) como base para suas reflexões. A noção de sujeito se refere aos indivíduos que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (ibid., p. 42), enquanto a de objeto compreende aos sujeitos cuja realidade é definida por outros e suas identidades criadas por outros, além de sua história “designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos” (ibid., loc.cit.). As reflexões de Kilomba (op.cit.) expressam o desejo duplo subversivo de oposição e reinvenção: opor-se ao lugar ocupado enquanto o Outro do sujeito (a Outridade) e passar a ocupar o lugar de sujeito, (re)inventando-se a si mesmo. O empreendimento de Kilomba se traduz como uma forma de tornar-se sujeito, tendo a autora traçado algumas estratégias que podem levar à descolonização. A autora salienta na introdução da obra – originada de sua tese de doutorado – que

uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilidade, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento (ibid., p. 13).

A metáfora da plantação no título de seu livro é usada como símbolo de um passado traumático, mas que continua sendo encenado nos tempos de hoje por meio do racismo cotidiano; trata-se de “um trauma colonial que foi memorizado” (ibid., p. 213). O rompimento com esse trauma, com a colonialidade – ou seja, descolonização –, se dá quando o colonizado conquista sua autonomia. Como ressalta Kilomba (ibid., p. 232), “precisamos, infelizmente, aceitar que nem sempre podemos modificar o consenso branco, mas, ao contrário, temos de mudar a nossa relação com ele. Isso requer que entendamos em vez de quereremos ser entendidos/as”. Isto significa que precisamos nos colocar fora da dinâmica colonial imposta, largar a posição de Outridade para alcançar um novo papel de igualdade. Kilomba (op. cit) sequencia cinco mecanismos diferentes de defesa do ego, culminando na descolonização:

- 1 – A **negação** é o primeiro estágio, onde o sujeito se protege da ansiedade que certas informações causam quando admitidas ao consciente: usando a linguagem do opressor, o oprimido nega o racismo, não se define como negro/negra, diz que não somos diferentes pois somos todos humanos e assim como iguais etc.
- 2 – Em seguida, vem a **frustração**, quando o oprimido negro conclui que não possui as mesmas oportunidades que o seu outro, o branco.
- 3 – Segue-se um sentimento de **ambivalência**, amor e ódio: o oprimido passa a nutrir sentimentos ambivalentes em relação ao seu Outro.
- 4 – Como resultado desta ambivalência, tem-se a **identificação**: inicia-se uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras: sua(s) história(s), suas biografias, suas experiências, conhecimentos etc. (ibid., p. 237).
- 5 – O processo de identificação leva à **reparação** e à **abertura o Outro**, “uma vez que, internamente, o sujeito negro está fora da ordem colonial” (ibid, loc.cit).

Alcança-se a **descolonização**, quando não se existe mais como o Outro na relação, mas sim como o eu. “Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade. [...] Tornamo-nos sujeito” (ibid., p. 238).

É a partir da confluência das contribuições dos autores supracitados que busquei aporte para melhor compreender e problematizar as diversas questões

vinculadas aos aspectos linguísticos e identitários presentes na narrativa de “Americanah”.

3.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO: UM MERGULHO HERMENÊUTICO NO TEXTO ATRAVÉS ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Nesta sessão, apresento os pressupostos que embasam a metodologia desta pesquisa. Como já dito na introdução deste trabalho, optei por empregar aqui como metodologia a Análise Textual Discursiva, proposta por Moraes e Galiuzzi (2011). Ressalto que a opção por esse referencial se deu devido à natureza textual do objeto de estudo e às limitações do trabalho aqui empreendido, uma vez que este tipo de análise nos permite ir para além da mera descrição dos dados, oferecendo-nos a possibilidade de interpretá-los com base em referenciais escolhidos (à priori ou à posteriori), porém sem a profundidade e extensão requerida pela Análise de Discurso.

Descrevo aqui também os procedimentos analíticos empreendidos no tratamento e análise dos dados a partir das contribuições de Moraes e Galiuzzi (op.cit.).

3.2.1 Uma Tempestade de Luz: a hermenêutica da Análise Textual Discursiva na busca por novas compreensões

De acordo com os autores Moraes e Galiuzzi (op.cit.), é crescente o emprego das análises textuais nas pesquisas qualitativas. O domínio da análise textual abrange o uso de diversas metodologias num espectro que vai desde o extremo da análise de discurso até o da análise de conteúdo. É dentro deste intervalo de possibilidades de trabalho com o texto que se situa a Análise Textual Discursiva (ATD), proposta pelos autores supracitados. Esta metodologia está assim “entre os extremos da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico” (ibid., p. 7). Os autores apresentam esta metodologia como uma nova opção de análise para pesquisas qualitativas que exigem um labor interpretativo dos dados. É importante ressaltar aqui que, quando usam o termo metodologia, Moraes e Galiuzzi (op.cit.) optam por tal denominação pois a entendem não como conjunto rígido de procedimentos, mas

sim como conjunto “de orientações, abertas, reconstruídas em cada trabalho” (ibid. , p. 141).

A partir do contraste entre a Análise de Conteúdo (AC) e a Análise de Discurso (AD), os autores esboçam os principais aspectos da Análise Textual Discursiva (ATD). Embasados em Navarro e Diaz (1994 apud MORAES; GALIAZZI, op.cit.), expõem que, enquanto a AC se volta ao questionamento sobre o que é expresso pelo texto (descrição), a AD se ocupa em pensar na produção do discurso em que tal texto se insere (interpretação). Destarte, afirmam haver uma aproximação entre a ATD e a AC, uma vez que a ATD não exclui a descrição do processo, valorizando-a juntamente com a interpretação dos dados. Em contrapartida, na AD, a descrição é um processo dispensável, sendo possível interpretar e produzir crítica do objeto de análise sem passar pela etapa descritiva dos dados. Moraes e Galiazzi (op.cit.) explicam que a ATD,

[...] ainda que num sentido amplo, na perspectiva aqui examinada, se aproxime mais da análise de conteúdo, sua interpretação tende principalmente para a construção ou reconstrução teórica, numa visão hermenêutica, de reconstrução de significados a partir das perspectivas de uma diversidade de sujeitos envolvidos nas pesquisas (ibid., p. 145).

No que diz respeito ao seu teor crítico, os autores pontuam que, embora a ATD se aproxime mais da AC devido ao seu caráter hermenêutico – enfocando “a construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas aos fenômenos investigados” (ibid., p. 147) –, ela pode assumir o viés crítico da AD, bem como alguns trabalhos o fazem ao adentrar nos domínios da crítica. Ainda no que diz respeito à sua carga hermenêutica, os autores chamam atenção para o fato de que a ATD “inicia seus esforços de construção de compreensão a partir dos sentidos mais imediatos e simples dos fenômenos de pesquisa”, assumindo, porém, “um desafio permanente de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados” (ibid., p. 149). A ATD não se limita a expressar as realidades já existentes: “ela tenciona inserir-se em movimentos de produção e reconstrução das realidades, combinando em seus exercícios de pesquisa a hermenêutica e a dialética” (ibid., loc.cit.).

É neste sentido que ATD se mostra como uma opção ideal para este trabalho, uma vez que o labor crítico requerido pela análise do discurso não seria

realizável de maneira plena e aprofundada, tendo em vista as limitações de tempo e o fato de este se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Assim, ATD oferece margem à interpretação e à crítica minimamente necessárias para responder satisfatoriamente às questões desta pesquisa. Saliento aqui que corroboro a visão dos autores acerca do termo *metodologia* (apresentada no início desta sessão) ao empregar a ATD nesta pesquisa, tal que, em minha análise, buscarei ir para além da interpretação, concretizando a crítica.

Moraes e Galiuzzi (op.cit.) descrevem detalhadamente os movimentos que constituem a ATD. Os autores a caracterizam como um ciclo, um processo auto-organizado realizado em três momentos: **a) desmontagem dos textos**; **b) estabelecimento de relações**; e **c) captação do novo emergente**. A seguir, tem-se a descrição de cada uma destas etapas que conduzirão o processo analítico desta pesquisa.

a) Desmontagem dos textos

Esta etapa inicial é também chamada de processo de unitarização do texto. Aqui o texto é examinado de forma detalhada, sendo fragmentado de forma a chegar a unidades constituintes, em outras palavras, enunciados relacionados aos fenômenos investigados. É um processo trabalhoso, exigindo um intenso envolvimento e impregnação com as informações do corpus. Como explicam Moraes e Galiuzzi (ibid., p. 19), “as unidades de análise são sempre identificadas em função de um sentido permanente da pesquisa”, podendo ser definidas em função de critérios pragmáticos ou semânticos”. A fragmentação se dá com a identificação e codificação de cada enunciado associado ao fenômeno investigado após uma ou diversas leituras do texto. Ao serem isoladas as unidades de análise, faz-se importante garantir que “seu sentido seja claro e fiel às vozes dos sujeitos da pesquisa” (ibid., p. 20). Os autores sugerem que se atribua um título às unidades de análise, tal que a ideia central de cada uma esteja evidente.

b) Estabelecimento de relações: o processo de categorização

O processo de categorização é central na ATD. Nele, as unidades de análise construídas na etapa anterior são agora agrupadas em categorias que abarcam elementos semelhantes – ou seja, que apresentam proximidade em sua significação. Assim como a unitarização, a categorização também requer um trabalho constante

no qual categorias vão sendo nomeadas, “aperfeiçoadas e delimitadas cada vez mais com maior rigor e precisão” (ibid., p. 23). Pode ocorrer um processo de evolução gradual das categorias, onde categorias inicialmente formadas dão lugar a categorias intermediárias que originam categorias finais.

As categorias podem ser constituídas de duas formas. A primeira é pelo método dedutivo, onde categorias definidas a priori servem como caixas nas quais as unidades de análise são organizadas. É um movimento que vai do geral para o particular. Já o método indutivo envolve a produção de categorias a posteriori; elas emergem a partir do contato com as unidades de análise, por meio do contraste constante entre estas. Os autores argumentam existir ainda um terceiro método, o método intuitivo. Neste método, supera-se a racionalidade linear implícita nos outros dois métodos, contando-se com os insights do pesquisador ao estar impregnado intensamente pelos dados.

É importante salientar que as categorias possuem como uma de suas propriedades a homogeneidade. Em outras palavras, “precisam ser construídas a partir de um mesmo princípio, a partir de um mesmo contínuo conceitual” (ibid., p. 26). Em suma, esta etapa se encaminha para a construção de “uma nova ordem, uma nova compreensão, uma nova síntese” (ibid., p. 31) e não o retorno ao material original do qual se obteve o corpus. Busca-se construir um novo texto, um metatexto que “expressa a compreensão do pesquisador sobre os significados e sentidos construídos a partir deles” (ibid., loc. cit.).

c) Captando o novo emergente: expressando as compreensões atingidas

Em posse das categorias estabelecidas com suas respectivas unidades de análise, busca-se construir metatextos analíticos descritivos e interpretativos que se voltam à teorização do fenômeno em questão. É imprescindível que o pesquisador assuma uma postura autoral quanto a seus argumentos, exercendo um trabalho interpretativo. Os metatextos devem ser escritos tendo em vista os objetivos da análise, tal que em alguns casos eles podem ser mais descritivos e em outros, mais interpretativos, visando a uma maior abstração e aprofundamento teórico. Há uma preocupação especial com a inteligibilidade do texto produzido, de tal forma que seja de fácil entendimento do leitor. Os autores argumentam que “boas introduções e fechamentos, seja no texto como um todo, seja em cada uma de suas partes, são essenciais nesse sentido” (ibid., p. 34). O componente descritivo do metatexto

consiste basicamente na apresentação das categorias e subcategorias, realizando interlocuções empíricas ou baseando os argumentos em informações retiradas do material textual a fim de fundamentar e validar as descrições feitas. Já o componente interpretativo se dá basicamente por meio da teorização, podendo contar com uma escolha a priori ou a posteriori de um referencial teórico. No primeiro caso, confrontam-se os dados com teorias escolhidas previamente:

O pesquisador, quando está interpretando os sentidos de um texto com base em um fundamento teórico escolhido “a priori”, ou mesmo selecionado a partir das análises, exercita um conjunto de interlocuções teóricas com os autores mais representativos de seu referencial. Procura com isso ampliar a compreensão dos fenômenos que investiga, estabelecendo pontes entre os dados empíricos com que trabalha e suas teorias de base. Nesse movimento está também ampliando o campo teórico no qual se baseia (ibid., p. 36).

Já na escolha da base teórica a posteriori, a teorização emerge do conjunto de categorias obtidas na análise. Trata-se de uma escolha mais desafiadora, permitindo “reflexões e interpretações cada vez mais afastadas do referencial empírico” (ibid., p. 36). À guisa de síntese, os autores advertem que “um metatexto, mais do que apresentar as categorias construídas na análise, deve constituir-se a partir de algo importante que o pesquisador tem a dizer sobre o fenômeno investigado” (ibid., p. 40). O objetivo ao final do ciclo é a emergência de novas compreensões nesse processo, uma nova ordem através da desordem: uma verdadeira tempestade de luz, como metaforizam os autores.

3.2.2 Procedimentos Analíticos

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e, segundo Bogdan e Biklen (1994), o interesse deste tipo de investigação está mais no processo do que nos resultados ou produtos, assumindo-se assim uma postura investigativo-compreensiva na análise dos dados. Como salientam Moraes e Galiuzzi (2011), busca-se compreender e interpretar o fenômeno através da análise das informações e não comprovar ou refutar hipóteses.

Na pesquisa em questão, busco investigar de que formas a obra “Americanah” (2014) de Chimamanda Adichie retrata e problematiza questões linguísticas e identitárias nigerianas em uma perspectiva contra-hegemônica, a partir dos conflitos e experiências vivenciadas por seus personagens.

Para tal fim, realizei as análises seguindo as etapas propostas por Moraes e Galiazzi (op.cit.):

- **Unitarização:** após a leitura inicial da obra, buscou-se identificar trechos (enunciados) que viessem a compor o corpus da pesquisa: extratos cujo conteúdo temático se relacionasse com as questões linguísticas e identitárias vivenciadas pelos personagens nigerianos da narrativa.

- **Categorização:** posteriormente, as unidades de análise foram agrupadas em categorias que emergiram a posteriori, a partir da comparação constante entre os dados a nível temático. Indo para além de uma simples descrição, realizou-se a análise das informações de cada categoria, empreendendo-se uma interpretação dos dados com base nos pressupostos teóricos deste capítulo (HALL, 2006; hooks, 2008; FANON, 2008; QUIJANO, 2005; KILOMBA, 2021).

- **Construção de metatextos analíticos:** Por fim, as análises dos elementos categorizados resultaram em metatextos descritivo-interpretativos que comunicam os resultados obtidos com suas respectivas e pertinentes pontuações críticas.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Ao realizar a leitura da obra “Americanah”, foi possível identificar trechos cujo conteúdo temático se relacionava à relação entre língua e identidade no contexto apresentado pela obra. Em posse do nosso corpus de enunciados, segui as diretrizes metodológicas propostas por Moraes e Galiazzi (2011) tal que estes trechos do livro foram agrupados em diferentes categorias emergentes (definidas a posteriori). A partir desta categorização temática, redigi metatextos que apresentam de forma descritivo-interpretativa as análises empreendidas. A seguir, apresento as sete categorias estabelecidas neste processo:

	Descrição
1.	Uso do igbo no cotidiano
2.	Sotaques e afetações linguísticas
3.	Conflitos linguísticos e hegemonia da língua inglesa
4.	Supervalorização da experiência estrangeira
5.	Educação
6.	Postura contra-hegemônica
7.	Elementos da cultura igbo

Quadro 1 - Categorias emergentes da análise

Dentro de cada categoria emergente, selecionei alguns enunciados da obra que pudessem exemplificar as diversas questões relacionadas ao tema língua e identidade. Antes de cada enunciado, coloquei entre colchetes e em negrito ([]) uma breve descrição do contexto em que cada enunciado emerge. A seguir, apresento cada uma das categorias e os resultados da análise.

4.1 USO DO IGBO NO COTIDIANO

Um dos aspectos percebidos se volta ao contexto multilíngue dos indivíduos igbo da narrativa. Usam em seu dia a dia tanto o inglês como o igbo para se

comunicarem. Em diversos enunciados, os personagens empregam o uso de palavras em igbo em conversas de tom informal com amigos ou familiares na Nigéria:

[Kosi para seu esposo Obinze]:

Querido, *kedu ebe I no?*

[Obinze elogiando sua esposa Kosi]:

Sol da noite! *Asa! Ugo!*

[Ifemelu para Obinze]:

Teto, *kedu?*

[Mãe de Ifemelu pedindo-a para passar seu vestido para ir à igreja]:

- Você passou esse vestido?
- Ele não precisa ser passado.
- Está amassado. *Ngwa*, vá passa-lo.

[Obinze para Ifemelu, ao se reencontrarem em Lagos]:

- Você ganhou um pouco de peso que caiu bem. *I maka*.

[Obinze em pleno trânsito de Lagos, na Nigéria]:

[...] o rádio ligado baixinho na Wazobia FM, que dava as notícias em inglês e pidgin, e o cinza lúgubre da chuva iminente ao redor.

A maioria dos enunciados acima retratam o emprego da língua igbo no cotidiano dos indivíduos deste grupo em seu país, paralelamente ao inglês. Como abordado na introdução deste trabalho, o igbo está majoritariamente presente nas relações informais entre as pessoas igbo, sendo, porém, o inglês a língua de uso na vida administrativa e burocrática dos nigerianos. Assim, a língua igbo faz parte do constructo identitário dos personagens no âmbito de suas relações sociais mais imediatas. Já no último enunciado acima, há a menção de outra língua – o pidgin – usada no cotidiano na Nigéria. Como discorreu hooks (2008), a língua do opressor não foi simplesmente imposta no passado colonial como único meio de se

comunicar; ela foi moldada pelos nigerianos, que a forjaram à sua maneira, incrementando-a e mesclando-a com suas línguas autóctones, bem como no caso do vernáculo negro na língua inglesa nos Estados Unidos.

Indivíduos igbo também são retratados usando sua língua autóctone mesmo quando vivem em outros países. É o caso, por exemplo, de Ifemelu nos Estados Unidos e Obinze na Inglaterra, com seus respectivos interlocutores igbo:

[Tia Uju falando com Ifemelu, ao se admirar com Curt, namorado americano da sobrinha]:

“O na-eji gi ka akwa”, disse tia Uju, com a voz carregada de admiração.

[Tia Uji liga para Ifemelu para falar sobre a tentativa de suicídio de Dike]:

Mas o que tia Uju estava dizendo era o nwuchagokwa. Dike anwuchagokwa. Dike quase tinha morrido.

[Ojiugo conversando com Obinze]:

“Isso fez coisas incríveis com a sua cabeça, eziokwu. ”

[Emenike conversando com Obinze]:

“Abeg, desculpe por não ter tido tempo de ver você. ”

4.2 SOTAQUES E AFETAÇÕES LINGUÍSTICAS

Outro elemento de destaque identificado diz respeito aos diferentes sotaques de inglês. Ao longo da leitura do romance, a autora sugere a existência de um suposto “sotaque nigeriano” e uma “forma nigeriana de falar inglês”, como indicado pelos marcadores sublinhados nos seguintes enunciados.

[Ifemelu reencontra sua amiga Ginika nos EUA]:

Ginika havia passado a usar o inglês nigeriano, uma versão datada e afetada, ansiosa por provar que continuava a mesma [...]

[Ifemelu reencontra Kayode DaSilva em um shopping center]:

Eles se abraçaram, olharam-se e disseram todas as coisas que as pessoas dizem quando não se veem há muitos anos, ambos assumindo sua voz nigeriana e sua personalidade nigeriana, falando mais alto, sendo mais espalhafatosos, acrescentando um “ô” às frases.

[Vicent em desentendimento com Obinze ao negociar o quanto cada um ganharia ao emprestar-lhe seus documentos]:

[...] Ele tinha perdido o sotaque e agora falava em inglês nigeriano. “Preste atenção, tem muita gente na sua situação”.

No primeiro enunciado, a autora qualifica o inglês como nigeriano, explicitando a existência deste tipo de inglês, diferenciando-o daqueles falados nos Estados Unidos e Inglaterra. O reencontro dos amigos Ifemelu e Kayode, dois igbo, se traduz como uma reconexão entre dois indivíduos que partilham as mesmas raízes étnicas e culturais. No segundo enunciado, os marcadores "voz nigeriana" e "personalidade nigeriana" estão conectados, tal que o sotaque nigeriano é visto como parte de uma “identidade nigeriana”. Ao "assumirem" uma "voz nigeriana", ambos personagens, naquele momento de identificação (HALL, 2006), "reativam" suas identidades igbo por meio da linguagem, afastando-se dos traços identitários – no caso, o sotaque – que passaram a constituir-los em suas experiências com o Outro americano. Essa identificação transborda os limites da fala e se manifesta em comportamento também. No último extrato, tem-se novamente em evidência a existência de um inglês nigeriano, em uso pelo personagem Vincent ao conversar com Obinze na Inglaterra. Ao se irritar em certo ponto da conversa, Vincent deixa instintivamente o uso do sotaque britânico e passa a usar aquele que lhe é natural, revelando que ambas formas de falar constituem traços identitários deste imigrante nigeriano.

Alguns enunciados evidenciam ainda que alguns personagens nigerianos passam a apresentar afetações devidas à influência de sotaques de ingleses hegemônicos – no caso, o britânico e o norte-americano – na comunicação com outros nigerianos no país.

[Sobre Obinze, refletindo acerca da discussão sobre as escolas de educação estrangeira na Nigéria]:

Quando era mais jovem, admirava pessoas que vinham de famílias abastadas e que tinham sotaque de outros países, mas havia passado a sentir uma ânsia muda vinda delas [...]

[Sobre a sra. Akin-Cole, que sugerira a Obinze que colocasse sua filha em uma escola de educação francesa]:

Ela falava com aquele sotaque estrangeiro impossível de identificar, que misturava britânico, americano e mais alguma coisa, tudo ao mesmo tempo, dos nigerianos ricos que não queriam que ninguém esquecesse como eram viajados.

[A respeito de Kayode e sua namorada Yinka, na época de escola]:

Kayode passava todas as férias na casa dos pais na Inglaterra, que parecia enorme e assustadora nas fotos que Ifemelu já vira. Sua namorada Yinka era como ele – ela também ia à Inglaterra com frequência, morava em Ikoyi e falava com sotaque britânico.

Percebe-se nos episódios acima uma forte influência do inglês britânico no contexto nigeriano, levando alguns indivíduos a alterar o seu sotaque para imitar aquele da sua antiga metrópole. No primeiro enunciado, referindo-se à voz de Obinze acerca das famílias abastadas nigerianas, notamos que o uso de um sotaque estrangeiro é alvo de admiração pelos locais, configurando-se como um distintivo social que as pessoas de elevado nível socioeconômico se empenham em adquirir e ostentar. O segundo enunciado acima retrata bem esse anseio ao descrever a personagem sra. Akin-Cole, que empregava sotaques diferentes em sua fala para ostentar seu nível socioeconômico. Aqui, "ser viajado(a)" pode ser entendido como sinônimo de "abastado(a)". O emprego desse(s) sotaque(s) na comunicação com demais pessoas igbo distingue tal pessoa das demais, estabelecendo uma relação de alteridade que estratifica indivíduos de uma realidade colonizada – o "eu" passa a estar mais próximo do "civilizado" e distante do colonizado. Este indivíduo vê em si uma nova identidade oriunda desse emprego linguístico. Já os personagens Kayode e Yinka são retratos de uma juventude que cresceu sob forte influência da língua britânica. Além da forte admiração pelo contexto de sua antiga metrópole, tomam para si o sotaque lá falado, diferenciando-se de outros tantos jovens igbo. Embora essa talvez não seja a realidade de uma maioria no país, jovens igbo em um mundo globalizado passam a ter contato com

sotaques estrangeiros por meio do forte contato intercultural da pós-modernidade (HALL, 2006). Além disto, outros fatores como o sistema educacional e o próprio ranço colonial nas bases da sociedade nigeriana contribuem para esta forte influência que leva estes indivíduos a adquirirem um sotaque estrangeiro enquanto marcador identitário. Esta temática se assemelha bastante ao que fora pontuado por Fanon (2008) quando o autor retrata a realidade dos negros nas Antilhas: quanto maior a assimilação dos valores culturais do colonizador, mais próximo o indivíduo está de seu colonizador.

Ao narrar as experiências que personagens tiveram fora de seu país, a autora descreve situações em que os indivíduos igbo apresentam afetações linguísticas e comportamentais a partir do contato intercultural e na comunicação com o seu Outro. Este aspecto é evidenciado pelo trecho a seguir, no qual os personagens se referem ao termo “*americanah*”, cuja definição foi dada na introdução deste trabalho.

[Ginika, amiga de Ifemelu na escola, irá se mudar para os EUA e se reuni com as amigas para repartir as roupas que não irão na mudança]:

“Ginika, vê lá se vai conseguir conversar com a gente quando voltar”, disse Priye.

“Ela vai voltar uma tremenda *americanah*, que nem a Bisi”, disse Ranyinudo.

Todas urraram de rir com a palavra *americanah*, enfiada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava.

As palavras de Priye e Ranyinudo sugerem ser previsível o fato de jovens nigerianos (não somente igbo – vide Bisi, que é ioruba) que vão aos Estados Unidos retornarem à sua terra natal com certas afetações, demonstrando repulsa por aspectos de sua cultura local e ostentando um sotaque exacerbado, imitando o inglês norte-americano. Tais regressos detêm certo prestígio dos demais jovens, como se tivessem algo especial por terem atingido um objetivo invejado por muitos. Ser uma *americanah* era um sonho para as amigas de Ginika – bem como o é para diversas meninas nigerianas. Em suma, o signo *americanah*, em uma perspectiva crítica, significa ter se submetido a um processo de “colonização”, à condição de colonizado(a) pela cultura-alvo. Priye chama a atenção de Ginika, tal que ela não esqueça a amizade que nutrem quando ela for para os EUA – dando-nos a entender

que jovens nigerianos no exterior tendem mudar seus comportamentos e podem chegar a ignorar seus vínculos interpessoais. São mudanças advindas de uma nova identidade que emerge no contato com o mundo (língua, cultura, comportamento) do Outro. Ainda sobre esse aspecto, Fanon (op.cit.) nos diz que os jovens antilhanos costumavam retornar com afetações adquiridas no contato com a metrópole, tanto na língua quanto no comportamento, com um típico estranhamento à forma como falara outrora.

Afetações linguísticas também se fazem presentes na diáspora. Primeiramente, alguns episódios sugerem que tal mudança no contato com o Outro estrangeiro é algo esperado, inevitável, como pontuado pela estudante Wambui:

[Wambui aos demais estudantes da Associação de Estudantes Africanos durante uma reunião]:

“Logo, logo vocês adotar um sotaque americano, pois não vão querer que as pessoas do serviço de atendimento ao consumidor fiquem falando ‘O quê? O quê?’ no telefone. Vão começar a admirar africanos que têm sotaque americano perfeito, como nosso irmão Kofi aqui. ”

A voz de Wambui, uma estudante queniana, nos comunica que a incorporação imediata (“logo, logo”) de um sotaque americano por parte dos estudantes estrangeiros se dá como uma forma de driblar dificuldades vivenciadas no dia a dia com os americanos. A fala de Wambui parece ressoar a perspectiva de outros tantos estrangeiros vivendo no país – indicando aqui que o “vocês” empregado já foi um “nós” em um passado não tão distante. A necessidade de imitar um novo sotaque se transformaria na fixação por um sotaque perfeito. Estabelecendo uma relação dialógica entre este enunciado e os demais da obra sobre o mesmo tema – aquisição do sotaque americano –, percebe-se uma tensão entre necessidade de falar a língua do opressor (hooks, 2008) para se inserir no contexto social alvo para contornar dificuldades (como a discriminação, dificuldades na comunicação etc.) e a ambição por um capital simbólico garantidor de oportunidades nesse novo cenário. Outro episódio em que tal câmbio de sotaque se mostra como algo imediato ocorre no salão de tranças em que Ifemelu fora, antes de partir de volta para a Nigéria:

[No salão de tranças, uma nova cliente sul-africana aparece e dialoga com Mariama e Halima]:

“Você é da África do Sul? Não tem sotaque!”, exclamou Mariama.

A mulher deu de ombros. “Estou aqui há muito tempo. Não faz muita diferença. ”

“Não”, disse Halima, subitamente animada, de pé atrás da mulher. “Quando vim para cá com meu filho, bateram nele na escola por causa do sotaque africano. [...] Meninos negros bateram nele daquele jeito. Agora o sotaque foi embora e não tem mais problema. ”

A ausência de um sotaque sul-africano na cliente nova é evidência do quão impregnado o sotaque americano está nela, fazendo parte de sua identidade após tantos anos de vivência no país. Entretanto, ao dizer que “não faz muita diferença”, a cliente parece não atribuir demasiado valor ou prestígio ao fato de falar com um sotaque americanizado por si só; ao narrar a história de seu filho, parece estar narrando também sua história – a discriminação que sofreram por falarem um sotaque diferente. Ao final de sua fala, a mulher apresenta a solução para o problema enfrentado: eliminar o sotaque nativo. Aqui, a “perda” do sotaque se faz sinônimo de segurança, de bem-estar; uma necessidade para encarar o preconceito e a violência.

Essa expectativa de que imigrantes incorporem o sotaque estrangeiro se faz evidente também na surpresa expressa por alguns personagens ao notarem que Ifemelu não falava com um sotaque americano.

[Aisha, a fazedora de tranças, conversando com Ifemelu no salão]:

“Você está aqui há quinze anos, mas não tem sotaque americano. Por quê? ”

Ifemelu ignorou-a e, mais uma vez, abriu “Cane”, o livro de Jean Toomer.

Após anos no país, Ifemelu não empregava o sotaque americano, como esperado. Como será visto mais à frente, isto foi consequência de uma escolha feita pela personagem após uma traumática experiência de conflito linguístico. A necessidade do uso do sotaque estrangeiro como um capital simbólico ou como meio de autoproteção se faz presente também na situação a seguir:

[Tia Uju com Dike no mercado, quando à presença de uma funcionária americana branca abordando Dike, que saiu correndo com um produto em direção ao caixa]:

“Dike, ponha isso lá de volta”, disse tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se.

Destaca-se aqui uma mudança de comportamento e de uso da língua por tia Uju quando à presença de uma funcionária branca americana no mercado. A afetação no sotaque surge como forma de impressionar excepcionalmente americanos brancos, como reforçado pela repetição das palavras “americanos brancos”. Esse comportamento de Uju sugere uma nova identidade na relação alteritária com o indivíduo americano branco: de uma mulher condescendente e submissa, distante da imagem da mulher firme que ela costuma ser na sua relação com Ifemelu e o filho Dike. Uju apresenta não apenas uma nova forma de falar, mas sobretudo uma nova identidade na relação com o Outro, detentor da língua que ela almeja imitar e que tem um capital simbólico. Outro exemplo é quando a personagem Ginika, ao reencontrar a amiga Ifemelu nos Estados Unidos, passa a assumir um outro modo de falar quando à presença de suas amigas norte-americanas. Ifemelu esboça surpresa ao ver sua amiga como uma outra pessoa, uma outra identidade:

[Ifemelu no apartamento da amiga de Ginika pela noite]:

Mais tarde, Ifemelu estava observando Ginika no apartamento de sua amiga Stephanie, com uma garrafa de cerveja na boca e as palavras com sotaque americano simplesmente saindo, e ficou impressionada ao ver como ela tinha ficado parecida com as amigas que fizera naquele país.

No contato alteritário com sua amiga, Ifemelu a identifica com uma figura estranha, diferente daquela que conhecera e com quem mantinha contato remoto. Tanto a língua quanto o comportamento que agora constituíam a identidade de Ginika a identificavam agora como uma verdadeira *americanah*. O emprego do advérbio “simplesmente” remete a uma naturalidade com a qual Ginika punha em prática seu novo sotaque, buscando soar parecida com as amigas americanas. O marcador “impressionada” é dotado aqui de um tom negativo, como um choque. Era

espantoso para Ifemelu como uma amiga igbo pode mudar tanto assim ao viver em um outro país, buscando ser deliberadamente igual ao seu Outro e distanciando-se de elementos identitários que antes a constituía – hábitos, língua, gostos, comportamentos, opiniões etc.

Para além da fala em si, a estrangeirização proveniente do contato com o Outro pode afetar outros aspectos da comunicação. Para Obinze, por exemplo, apesar de Ifemelu não falar com o sotaque americano após anos vividos nos Estados Unidos, ela empregava uma forma americanizada de se expressar:

[Reação de Obinze ao ler uma das postagens no blog de Ifemelu, enquanto ela morava nos Estados Unidos]:

Os posts do blog o deixaram atônito, pareciam tão americanos e tão alheios, a voz irreverente, suas gírias, sua mistura de linguagem erudita e popular. Ele não conseguiu imaginá-la escrevendo-os.

[Obinze para Ifemelu, ao se reencontrarem em Lagos]:

- “Você não tem sotaque americano”.
- “Eu me esforcei para não ter.”
- “Fiquei surpreso ao ler seu blog. Não parecia você falando”.
- “Mas não acho que mudei tanto”
- “Ah, mudou”, disse ele, com uma certeza que desagradou a Ifemelu de imediato.

No primeiro episódio acima, o advérbio “tão” empregado na narrativa conota um tom de reprovação da parte de Obinze diante da irreverência e do tipo de linguagem usada por Ifemelu. Obinze associou essa nova forma de se expressar na escrita a uma nova identidade dela, já que em sua percepção a Ifemelu que conhecia dificilmente se expressaria assim. Ele tem a oportunidade de dizer isto à Ifemelu quando esta retorna à Nigéria anos depois. Ifemelu, que agora parece ver algo positivo no fato de não ter se transformado em uma típica *americanah* – algo que lhe exigiu bastante esforço –, chateia-se com a observação de Obinze. Ele percebe uma outra Ifemelu que ela não conseguia enxergar em si mesma.

A apreensão do sotaque e da língua do Outro estabelece também uma tensão do indivíduo com a sua língua autóctone. Em alguns episódios essa tensão se faz evidente, tal que os indivíduos igbo passam a se posicionar em relação ao igbo de uma forma diferente nesse processo de construção identitária, como mostrado a seguir:

[Sobre Nicholas, primo de Obinze que morava na Inglaterra]:

Nicholas elogiava ou repreendia cada criança; Nna, que tinha o rosto gorducho de um buldogue e Nne, que tinha a pele escura e o rosto largo e belo da mãe. Fala com eles apenas em inglês, um inglês cuidadoso, como se achasse que o igbo que compartilhava com a mulher fosse infectá-los, talvez fazê-los perder seu precioso sotaque britânico.

Aqui, a postura de Nicholas diante do igbo é de sua proibição na vivência de seus filhos, igualmente igbo. Ele priva seus filhos do uso do igbo, tal que a língua autóctone não venha a criar interferências que maculem o inglês britânico que as crianças aprendem na escola e põem em prática no convívio familiar. Assim, as identidades das crianças são marcadas por uma ausência da língua de seu grupo étnico e pela imposição do sotaque britânico. O marcador “precioso” qualificando o sotaque britânico indica o grau de valoração positiva dada por Nicholas ao inglês britânico, um recurso que simboliza prestígio e pode abrir um mundo de oportunidades a seus filhos, além de privá-los do estigma do preconceito sofrido por imigrantes africanos na Europa devido ao seu sotaque. Fanon (op.cit.) também entendia que tais aspectos – como a mudança no falar – estavam associados às oportunidades que o uso da língua do opressor e a incorporação da cultura da metrópole ofereciam. Era por meio disto que poderiam ascender socialmente.

Similarmente a Nicholas, tia Uju refreia o contato de seu filho Dike com o igbo. Ela impede que a sobrinha Ifemelu fale com Dike em igbo, língua de contato cotidiano entre as duas mulheres quando moravam na Nigéria.

[Ifemelu conversando com Dike, que escovava os dentes antes de ir dormir]:

“Dike, I mechago?”, perguntou Ifemelu.

“Por favor, não fale igbo com ele”, disse tia Uju. “Falar duas línguas vai confundi-lo”.

“Como assim, tia? Nós falávamos duas línguas quando éramos crianças”.

“Aqui é a América. É diferente”.

Ifemelu insinua haver uma inconsistência da parte da tia quando esta diz que tal bilinguismo confundirá o menino. Ora, na Nigéria, ambas viviam em um ambiente multilíngue e ambas falam inglês e igbo; por que Dike não poderia falar o igbo paralelamente ao inglês também? Ao dizer que a América é diferente, Uju sugere que ali só há espaço para que se fale o inglês americano, até mesmo no espaço

doméstico e informal, tal que se fale o mais próximo possível dessa “nova língua”, desse novo sotaque. Em uma perspectiva similar à de Nicholas, Uju compreende que o uso do igbo possa causar interferências que venham a macular sua fala ou impedi-lo de aprender a língua hegemônica. O imperativo negativo de tia Uju quanto ao bilinguismo conota uma certa ausência da língua igbo na vida do filho, uma ruptura com o contexto linguístico e cultural do qual ambos vieram. A atitude de Uju pode configurar também uma espécie de proteção à ameaça racista e xenófoba de norte-americanos com africanos, como relatada pela cliente sul-africana no episódio do salão de tranças mencionado anteriormente. A despeito da relação proibitiva de Uju quanto ao igbo no repertório linguístico de Dike, a narrativa nos revela que o igbo e a Nigéria se faziam de alguma forma presentes na relação entre mãe e filho, porém de uma maneira negativa:

[Tia Uju brigando com Dike na visita que Ifemelu os fizera]:

Da última vez em que Ifemelu os visitara, tia Uju tinha dito para ele: “Vou mandar você de volta para a Nigéria se fizer isso de novo!”, falando igbo como só fazia quando estava com raiva. Ifemelu temia que, para Dike, o igbo fosse se tornar a língua do conflito.

Nas poucas vezes que tia Uju se refere à Nigéria em diálogo com filho, ela confere ao país uma conotação negativa, como um ambiente repugnante, lugar de castigo e repreensão. Ela reforça isto ao usar majoritariamente o igbo para repreendê-lo – o uso do pretérito imperfeito para descrever o sentimento de Ifemelu (“temia”) sugere que isso ocorria com uma certa frequência, tal que, como consequência, Dike passasse a perceber o igbo como uma língua de conflito, gerando uma certa repulsa pela mesma e tendo-a como um constituinte negativo em sua construção identitária.

Outra postura em destaque em relação ao igbo na narrativa é a de Emenike. Colega em comum de Ifemelu e Obinze durante a época da escola, Emenike, então já adulto, casa-se com Georgina, uma inglesa. Emenike tem contato tanto com o contexto britânico como com o americano. No extrato a seguir, conversa com amigos em um jantar em sua casa, narrando sua viagem aos Estados Unidos e comparando a realidade americana com a britânica.

[Jantar na casa de Emenike e Georgina, do qual participara Obinze e demais convidados]:

“Mas os americanos amam os britânicos, amam nosso sotaque, a rainha e os ônibus de dois andares”, disse Emenike. Pronto, ele tinha dito: o homem se considerava britânico.

Em sua fala, Emenike expressa a forma positiva com a qual valora o sotaque britânico em detrimento do americano. Sem reservas, ele se identifica como indivíduo britânico ao usar o marcador “nosso” ao se referir ao sotaque. Ele se inclui no coletivo de britânicos, ainda que ele seja originário da Nigéria. Os elementos culturais mencionados (a rainha, os ônibus de dois andares) sugerem que tal identificação não tem apenas o sotaque como traço identitário, mas também aspectos culturais referentes a uma imaginária identidade nacional britânica, inglesa. A identificação de Emenike como pertencente aos Outros – afastando-se de suas origens culturais e linguísticas – é bem similar àquela dos jovens antilhanos destacada por Fanon (op.cit).

Como já visto, os sotaques americano e britânico representam um capital simbólico para personagens nigerianos tanto nas suas interações dentro da própria Nigéria quanto na vivência no exterior (Estados Unidos e Inglaterra). Entretanto, para além do sotaque, as afetações linguísticas se dão no nível léxico, incorporando à linguagem palavras, expressões e novas formas de falar. Como exemplo, há o episódio no qual Ifemelu reage negativamente ao uso do inglês pelo seu pai, quando ainda morava na casa de seus pais na Nigéria:

[Sobre o pai de Ifemelu e sua forma de se expressar em inglês]:

Expressava-se num inglês polido e formal. As empregadas deles mal o entendiam, mas ainda assim ficavam bastante impressionadas. Certa vez, uma empregada antiga, Jecinta, entrara na cozinha e começara a bater palmas baixinho, dizendo: ‘Você deveria ter escutado a palavra bonita que seu pai falou agora! *O di egwu!*’. Às vezes, Ifemelu o imaginava numa sala de aula dos anos 1950, um colonizado entusiasmado demais num uniforme escolar de algodão barato do tamanho errado, esforçando-se para impressionar os professores missionários. Até a caligrafia dele era afetada, cheia de curvas e floreios, com uma elegância uniforme que parecia impressa. [...] Mas o inglês rebuscado do pai começou a incomodá-la quando ela ficou mais velha, pois era uma fantasia, seu escudo contra a insegurança. Ele era assombrado pelo que não tinha – um diploma, uma vida de classe média alta – e, por isso, suas palavras empoladas se tornaram uma armadura. Ifemelu preferia quando o pai falava igbo; eram as únicas ocasiões em que parecia não ter consciência de suas ansiedades.

Mais uma vez, o inglês é tido como elemento de diferenciação, de prestígio, alvo de admiração das empregadas. O pai de Ifemelu tem sua comunicação com suas empregadas dificultada pela fala carregada que tinha. Essa formalidade na língua, o léxico rebuscado e a afetação na escrita emergem como uma compensação, já que o pai de Ifemelu não tinha condição socioeconômica e acadêmica que desejaria ter. A imaginação de Ifemelu sugere que a constante polidez do inglês do pai seria um ranço colonial que perdura desde seu tempo de escola (tempo de imposição colonial dos missionários britânicos) – uma situação que possivelmente ocorre a outros nigerianos que se apegam ao inglês como símbolo de superioridade e civilidade. Para Ifemelu, a língua local igbo o fazia ser mais quem ele era, sem ser afetado por suas preocupações ou lamentos na vida, sem a imaginária proteção da língua inglesa contra suas inseguranças. Já no contexto estrangeiro, isto se aplica ao episódio do primeiro contato de Ifemelu com Bartholomew, novo namorado de sua tia Uju:

[Sobre Bartholomew, novo pretendente da tia Uju que fora visitá-la]:

Bartholomew usava calças cáqui de cintura alta e falava com um sotaque americano cheio de buracos, deturpando palavras até elas se tornarem impossíveis de entender. Ifemelu sentiu, pela maneira como agia, que Bartholomew tivera uma infância de privações no campo, a qual tentava compensar com sua afetação americana.

O emprego da expressão “cheio de buracos” confere uma apreciação negativa do sotaque de Bartholomew, indicando que a incorporação desse sotaque estrangeiro afetou negativamente sua comunicação. O verbo “deturpar” sugere uma intencionalidade do personagem em fazer com que as alterações em seu inglês comprometessem a inteligibilidade de seu discurso. O que importava para ele era soar extremamente americano, totalmente diferente de seu inglês nigeriano de outrora. Bartholomew era um homem que buscava no uso de uma nova forma de falar a língua compensar as mazelas de sua história de vida, como se isto fosse, de certa forma, elevá-lo a um nível superior no âmbito social, um sinal de civilidade e superação. Eis aqui novamente o caráter simbólico que a afetação no sotaque porta (FANON, op.cit.).

4.3 CONFLITOS LINGUÍSTICOS E HEGEMONIA DA LÍNGUA INGLESA

Há inúmeras situações na história que retratam momentos de conflito linguístico que os personagens nigerianos vivenciam na experiência com o inglês do Outro, discriminando a variedade de ingleses e as relações de poder que se estabelecem quando um destes é posto em posição hegemônica. Vejamos algumas delas a seguir.

Um destes conflitos se dá em relação à questão da norma. Ifemelu e Obinze entram em conflito durante sua juventude, uma vez que Obinze é aficionado pelo inglês falado nos Estados Unidos e Ifemelu mostra apreço pelo inglês britânico tido como padrão em seu país.

[Ifemelu após tentar ler uma das edições de “As Aventuras de Huckleberry Finn” que Obinze lhe havia emprestado]:

Na manhã seguinte, pôs o livro na mesa dele com um baque decidido. “Isto é uma bobagem ilegível”, afirmou. “É escrito em diversos dialetos americanos”, disse Obinze.

“E daí? Eu continuo sem entender.”

[Ifemelu discutindo com Obinze devido ao fato de ele usar inglês americano ao invés do britânico]:

“Obinze acabou de dizer *trunk*, senhora. Ele disse *trunk* para falar do porta-malas do carro”, dedurou ela. Na briga dos dois entre falar inglês americano ou britânico, ela sempre ficava do lado da mãe dele.

“Não é assim que se chama, meu filho querido”, disse a mãe de Obinze. Quando Obinze pronunciava o ‘ch’ com som de ‘k’, sua mãe dizia: “Ifemelunamma, por favor, diga ao meu filho que eu não falo americano. Ele poderia repetir em inglês?”

Ao ler o livro norte-americano recomendado por Obinze, Ifemelu se frustra ao lidar com uma língua que parece ser completamente diferente do seu inglês – algo “ilegível”. Ifemelu parece ter se chocado com a informalidade e as diferentes formas de uso do inglês no contexto americano (chamados de “dialetos” por Ifemelu), fugindo à regra de um inglês padrão, clássico – cuja referência é, muito provavelmente, o inglês britânico. No segundo trecho, fica evidente uma possível rixa entre os sotaques norte-americano e britânico de inglês. O inglês americano emprega a palavra *trunk* para se referir ao porta-malas, enquanto que, no contexto

nigeriano se usaria *boot*, em consonância com o inglês britânico. A versão original em inglês do livro “Americanah” nos mostra que o mesmo se passa com a questão fonética: Obinze dá preferência ao uso do som de “k” (comum nos EUA) ao invés de “ch” (comum na Inglaterra) no início da palavra “*schedule*”. Isso indica uma certa influência das formas de falar e da cultura norte-americana nos jovens nigerianos.

Vivendo nos Estados Unidos, Ifemelu experiencia diversos conflitos de nível linguístico. Um deles ocorreu assim que chegou no país para morar com sua tia Uju:

[Ifemelu vai aos Estados Unidos e passa a morar temporariamente na casa de sua tia Uju, que já mora lá há alguns anos com seu filho Dike]:

O celular da tia Uju tocou. “Sim, é Uju”. Ela pronunciou iu-ju, como os americanos faziam.

“É assim que você pronuncia seu nome agora?”, perguntou Ifemelu depois.

“É assim que eles dizem.”

Ifemelu quis dizer “Bom, esse não é o seu nome”, mas engoliu as palavras. Disse, em igbo: “Não sabia que ia estar tão quente aqui.”

Na situação acima, a pronúncia do nome de Uju é afetada, como se ela tivesse mudado de nome – um traço muito importante na constituição identitária de certos grupos étnicos africanos. A pronúncia do nome em igbo dá lugar a uma versão americanizada – o que, segundo Ifemelu, não é o nome real da tia, pois não condiz com sua identidade enquanto uma igbo. Nomes nativos são alterados nesse novo contexto de acordo com como os “anfitriões” americanos conseguem reproduzi-los e compreendê-los. Em resposta, Ifemelu profere palavras em igbo, trazendo à tona a língua de origem do nome de sua tia e de contato cotidiano informal de indivíduos igbo na Nigéria, talvez tentando fazê-la lembrar deste detalhe, de qual seria sua identidade.

É na universidade onde Ifemelu tem uma de suas primeiras experiências linguísticas mais constrangedoras:

[Ifemelu em sua recepção de calouros, ao ser atendida pela recepcionista Cristina Tomas]:

“Boa tarde. É aqui que a gente se matricula? ”, perguntou ela a Cristina Tomas, cujo nome ainda não sabia.

“Isso. Você. É. Uma. Aluna. Estrangeira? ”

“Sou.”

“Você. Primeiro. Precisa. Pegar. Uma. Carta. Do. Departamento. De. Alunos. Estrangeiros”.

[...] Mas, quando ela voltou com a carta, Cristina Tomas disse: “Eu. Preciso. Que. Você. Preencha. Alguns. Formulários. Você. Entende. Como. Preencher. Estes. Aqui?”, e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa *dela*, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando.

“Eu falo inglês”, disse Ifemelu.

“Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala *bem*.”

Ifemelu se encolheu.

Falava inglês desde pequena, fora a capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; [...] E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia surgindo, começou a treinar um sotaque americano.

A recepcionista Cristina emprega uma fala afetada, quebrada em pausas, palavra por palavra, dando a entender que Ifemelu não a entenderia se as pronunciasse normalmente, pois não falava o verdadeiro inglês, o inglês americano. Ao perceber que Cristina o fazia por causa de seu sotaque, Ifemelu deixa claro que ambas falam a mesma língua, mas Cristina faz questão de demarcar uma diferenciação, uma relação de alteridade: você é o outro e a língua que você fala não é a minha. O emprego do marcador “bem” indica que o inglês de Cristina é o inglês padrão e por isso Ifemelu não era capaz de falá-lo plenamente. O inglês com sotaque nigeriano de Ifemelu estava sendo colocado em posição de inferioridade em relação ao de Cristina. As palavras usadas para descrever a sensação de Ifemelu (uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando) expressam essa inferiorização, como se ela fosse um ser que ainda precisasse aprender a língua padrão, que se comunicava ainda de forma imatura, infantil, rudimentar. Esta passagem dialoga bastante com o que fora exposto por Fanon (op.cit.) ao descrever a forma com a qual alguns brancos insistiam em se comunicar com antilhanos na metrópole, usando o *petit-nègre* ao invés do francês, nutrindo a noção de que não tinham capacidade de dominar aquela língua e usá-la de maneira dita “própria”. A experiência de Ifemelu foi tão traumática que ela decide implementar o sotaque de sua opressora Cristina. Ifemelu decide fazer o mesmo que tia Uju e Ginika fizeram: forçar o uso desse novo sotaque para corresponder às expectativas daquele novo contexto, submetendo-se a essa imposição linguística. Ela sabia falar inglês, sempre o soube – e com maestria, já que fora capitã da equipe de debate na escola –, mas não sabia falar o inglês necessário para viver naquele novo lugar. Há um misto aqui

entre os estágios de negação e frustração elencados por Kilomba (2021), que levarão a personagem a alcançar um senso de ambivalência em relação ao seu Outro ao longo da história.

Eis a seguir outro episódio retratando o conflito entre os sotaques dos personagens nigerianos com o sotaque falado nos Estados Unidos. Tia Uju transparece toda sua frustração ao ter seu inglês rotulado como algo impossível de se compreender:

[Tia Uju conversando com Ifemelu sobre suas frustrações em sua nova vida com Bartholomew]:

“Eu nem sei porque eu vim para este lugar. Outro dia, a farmacêutica disse que meu sotaque era incompreensível. Imagine, eu fui pedir um remédio e ela teve a coragem de dizer que meu sotaque era incompreensível”.

Não é possível inferir se na situação tia Uju empregava seu sotaque americano afetado ou o seu sotaque nigeriano original. Entretanto, independentemente de quaisquer dessas possibilidades, percebe a força coercitiva do Outro americano exigindo que o falante estrangeiro molde sua língua, domestique-a, subjugando-se ao sotaque local. Na Inglaterra, Obinze experiencia essa coerção ao ler o jornal dentro do metrô:

[Obinze no metrô em Londres]:

“Obinze se sentou no assento manchado do metrô barulhento, diante de uma mulher que estava lendo a edição vespertina do jornal. A manchete era FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKETT A IMIGRANTES.

O próprio jornal britânico estabelece a imposição do uso do inglês pelos imigrantes, uma forma de domesticar seus ingleses marcados por seus sotaques de origem ou sugerir que, ao invés de empregarem suas línguas autóctones, passem a difundir o inglês em suas vidas particulares/privadas. Uma maneira assertiva – como o próprio uso do imperativo “falem” na manchete expressa – de impor a língua hegemônica e que deve ser falada naquele país por todos.

Outro tipo de conflito identificado se relaciona com as variações linguísticas na forma de se falar o inglês, estranhando-se o sotaque e a informalidade da língua.

Ambos os exemplos trazidos aqui se referem ao pai de Ifemelu em sua visita à filha nos Estados Unidos:

[O pai de Ifemelu em visita à filha nos Estados Unidos]:

“Eu não entendo os americanos. Eles dizem uma coisa e eu entendo outra”, declarou seu pai. “A maneira de falar dos britânicos é preferível, creio.”

O primeiro trecho esboça o conflito linguístico vivenciado pelo pai de Ifemelu no contato com o inglês americano – ele, nigeriano igbo, tão apegado ao inglês britânico formal e rebuscado, como mostrado pelo uso do marcador “preferível” para se referir à língua dos ingleses. Ao longo do romance, vemos americanos expressando incompreensão ao ouvirem o sotaque estrangeiro dos imigrantes; entretanto, neste episódio, vemos um estrangeiro expressando incompreensão no contato com o sotaque dos locais. Mais adiante, quando Ifemelu retorna à Nigéria e relembra com seus pais a viagem que eles fizeram para visitá-la nos Estados Unidos, vemos que essa aversão do pai ao inglês americano vai para além do sotaque; a incompreensão se relaciona ao léxico e à informalidade também:

[Ifemelu em visita aos pais, que relembram a viagem que haviam feito a Baltimore]:

[...] e o pai sobre como não conseguia entender o noticiário porque os americanos usavam expressões informais no noticiário sério.

“É a infantilização e a informalização final dos Estados Unidos! Sinaliza o fim do império americano! Eles estão se autodestruindo!”

Para o personagem, a dificuldade de compreender os americanos se dava pela informalidade da língua empregada em gêneros que deveriam ser mais formais, como ele sempre estivera acostumado. Seu apego a uma linguagem mais formal, com afetações no sotaque e na complexidade de seu léxico faz com que essa experiência tenha sido extremamente frustrante para ele. Os substantivos “informalização” e “infantilização” são ambos empregados com tom de desaprovação, compreendendo as mudanças na língua americana como algo negativo. Devido à centralidade da língua em uma nação e na constituição das bases de uma suposta identidade nacional, esse aspecto negativo iria fazer com que a hegemonia americana viesse a ruir, como um ato de autossabotagem. Assim, para

além do sotaque, outro aspecto que constitui os diferentes ingleses, diferenciando-os entre si e tornando sua compreensão difícil para falantes fora da comunidade que compartilha uma mesma língua, é sua linguagem informal.

Todos estes enunciados remetem ao conflito na coexistência entre diferentes ingleses, com a imposição hegemônica dos ingleses americano e britânico sobre os de outros países – como no caso nigeriano. A interação dialógica entre imigrantes nigerianos com indivíduos americanos e britânicos resulta em um conflito linguístico onde o sotaque nigeriano é percebido pelo falante como um impeditivo, um distintivo social negativo e que deve dar lugar a um dos sotaques hegemônicos, o que se traduz como um capital simbólico importante para a convivência. Aprender esse novo sotaque traz prestígio e oportunidades, ainda que com isto haja um sufocamento de suas línguas nativas e um afastamento das suas raízes culturais. Além dessa apreensão linguística, a cultura estrangeira é imposta por meio das experiências cotidianas que colonizam o imigrante.

4.4 SUPERVALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTRANGEIRA

O romance de Chimamanda retrata também episódios em que os nigerianos supervalorizam a experiência intercultural que os indivíduos igbo regressos tiveram no estrangeiro. Bem como Obinze em sua juventude, Emenike, outro colega de Ifemelu na época de escola, demonstrava essa admiração exacerbada por seus colegas viajados:

[Emenike, ao saber que sua colega Ginika iria para os Estados Unidos]:

“Ginika, você vai para onde nos Estados Unidos?”, perguntou Emenike. Ele era fascinado por pessoas que viajavam para o exterior. Depois que Kayode voltou de uma viagem à Suíça, Emenike se abaixou para acariciar seus sapatos dizendo: “Quero tocá-los, porque eles tocaram a neve”.

Este trecho se refere à tendência que há de enaltecer os nigerianos que já tiveram uma vivência no exterior, apontando para uma supervalorização de contextos outros em detrimento da realidade local. A experiência internacional se torna um capital cultural apreciado de forma exacerbada pelos jovens nigerianos.

[Sobre Ifemelu em seu novo trabalho ao retornar à Nigéria e seu ambiente profissional]:

Ifemelu era redatora, com um carro e um motorista e a aura dos Estados Unidos, e até Esther esperava que se comportasse como uma madame.

Doris, uma mulher magra de olhos fundos, uma vegetariana que anunciava ser vegetariana assim que possível, falava com um sotaque de adolescente americana que fazia suas frases parecerem perguntas, a não ser quando falava com a mãe ao telefone; então, seu inglês assumia um impassível tom nigeriano.

Em ambas passagens, a experiência no exterior é abraçada como um distintivo social e profissional. Devido à sua vivência nos Estados Unidos, esperava-se que Ifemelu agisse como uma *americanah*, de forma refinada e polida e esbanjando a glória de ter vivido e se formado na América. Há uma referência à funcionária Doris. Ela também teve uma experiência internacional e voltou afetada em sua forma de falar a língua. O sotaque de Doris é identificado como o de uma adolescente americana, tal que até mesmo a entonação dada às frases soa importada. Aqui, Doris emprega o uso estratégico da língua, assumindo diferentes identidades: uma que emerge quando interage com as pessoas em seu trabalho (com um tom americanizado) e outra quando interage com sua mãe (com um tom nigeriano). Outro momento em que essa experiência internacional é valorada é quando Ifemelu participa do encontro dos nigerpólitas, um grupo de nigerianos recém-regressos à sua terra natal:

[Ifemelu vai ao encontro dos Nigerpolitás, a convite de Doris]:

Suas frases eram carregadas de expressões estrangeiras. *Não se acha um smoothie decente nessa cidade!*

[...] e ela percebeu a superioridade em sua voz, na voz deles todos. Eram os santificados, os que tinham voltado, aqueles que haviam chegado com uma camada de brilho extra.

Os marcadores linguísticos “santificados” e “brilho extra” remetem ao prestígio e à admiração que estes jovens tinham da parte dos outros jovens nigerianos. Ao mesmo tempo, eram os nigerpolitás que também legitimavam sua própria superioridade: se permitiam sentir-se superiores e isto se fazia tangível no tom de suas vozes. Este comportamento se assemelha bastante ao que fora narrado por Fanon (op.cit.). A palavra destes jovens é esperada, há uma expectativa em

ouvi-los devido ao lugar de privilégio a eles conferido. Assim como os regressos antilhanos que só empregavam o francês e uma linguagem diferenciada da coletividade (floreios, expressões e frases pomposas), os nigerpolitas só sabiam se comunicar com expressões da língua do Outro e à maneira do Outro.

Os enunciados congregados nesta categoria nos levam a refletir sobre a inclinação que os nigerianos têm a supervalorizar a experiência estrangeira dos conterrâneos, tornando-a um distintivo que configura uma relação de alteridade e que confere um novo traço identitário a estes regressos – estes últimos postos em posição de destaque pois, seu contato com a cultura e com a língua hegemônicas os torna mais próximos do seu Outro: tornam-se mais brancos e mais distantes de sua selva, nas palavras de Fanon (ibid., p. 34).

4.5 EDUCAÇÃO

A relação entre língua e educação é tangível na leitura de alguns trechos da obra. Essas passagens retratam a forma de educação ofertada aos personagens nigerianos da história e sua relevância para sua formação identitária no que tange à questão linguística. Um dos episódios que tratam desta questão se passa na Nigéria, quando alguns personagens discutem possibilidades para a educação básica da filha de Obinze e Kosi.

[Sra. Akin-Cole perguntando a Obinze e Kosi sobre a educação da filha do casal, na festa de Chief, futuro chefe de Obinze]:

“Como está sua filha? Já está na escola?”, perguntou a sra. Akin-Cole. “Você precisa colocá-la na escola francesa. Eles são muito bons, muito rigorosos. É claro que as aulas são em francês, mas não vai fazer mal nenhum para a criança aprender outra língua civilizada, já que aprende inglês em casa.”

[Resposta de outra mulher à sra. Akin-Cole sugerindo outra escola]:

“A escola francesa não é ruim, mas prefiro a Sidcot Hall. Eles seguem o currículo britânico completo.”

A língua francesa é tida como “outra língua civilizada”, deixando subentendido que o inglês assume a posição de “língua civilizada”, em detrimento das línguas locais. Indica também que em casa as relações familiares se dão

majoritariamente em inglês, reforçando o ensino da principal língua considerada “civilizada” na perspectiva da personagem. Ambos os trechos se referem às educações francesa e britânica como superiores à nigeriana - que é a disponibilizada à maioria da população – e que, por meio destes sistemas de educação, os indivíduos passam a ter incorporados em si a língua hegemônica, via de acesso para cenários mais prósperos na vida. No caso da educação nigeriana – oferecida à maior parte da população – há trechos que narram o contexto educacional vivenciado pela jovem Ifemelu:

[Ifemelu em conversa com Jane, uma imigrante de Granada que morava no apartamento ao lado do de sua tia Uju]:

Ifemelu e Jane riram quando descobriram quão parecida fora a infância de ambas em Granada e na Nigéria, com livros de Enid Blyton, professores anglófonos e pais que idolatravam a BBC World Service.

[Ifemelu após ter decidido não mais falar em inglês com sotaque americano]:

Mesmo assim, Ifemelu havia decidido que se a mulher da Amtrak reagisse ao seu sotaque, falando devagar como se ela fosse uma idiota, falaria com a voz do sr. Agbo, a pronúncia afetada e extracuidadosa que aprendera durante os debates do ensino médio, quando seu professor barbado, mexendo na gravata desfiada, colocava cassetes com gravações da BBC para tocar e fazia todos os alunos pronunciarem as palavras sem parar até ele dar um sorriso radiante e dizer: “Correto!”

No primeiro episódio acima, o tema gira em torno da educação anglófona na infância recebida por ambas as personagens. No ambiente escolar, a influência britânica vinha fortemente de seus professores – todos anglófonos, supondo-se que falavam majoritariamente o inglês com seus estudantes – e dos livros de Enid Blyton (famosa escritora britânica de livros infantis que foram *best-sellers*). Em casa, essa educação anglófona tinha seguimento em um ambiente onde as transmissões de rádio e TV da BBC *World Service* (emissora britânica) eram densamente difundidas pelos pais e mães das personagens. Por narrarem experiências que viveram comunitariamente (escola e família), podemos inferir que as vivências acadêmicas de Ifemelu e Jane expressam a realidade de outros nigerianos e granadinos com quem cresceram, sendo os contextos descritos por elas compartilhados por outros jovens de seus países cujas formação escolar e a vivência familiar de influência anglófona têm seu lugar na construção identitária. O segundo enunciado acima

reforça a natureza deste tipo de educação. Ifemelu decide que, caso não fosse compreendida ao usar seu sotaque nigeriano, não reagiria empregando o sotaque americano novamente; ao invés disso, usaria um sotaque mais rebuscado e com afetações britânicas, similar ao de seu professor sr. Agbo. A educação nigeriana se apresenta como um vetor pelo qual a língua e a cultura britânica impregnam os jovens estudantes, fomentando uma preocupação excessiva com a pronúncia, com a forma de falar. É na educação básica que o ideal de um inglês padrão, imaculado – o inglês do colonizador – é reforçado e transformado em alvo a se perseguir, objetivando prestígio e distinção social entre os nigerianos.

A temática da educação é também debatida na realidade de imigrantes nigerianos, como é o caso dos filhos de Nicholas e Ojiugo, por exemplo:

[Conversa entre Ojiugo e Obinze]:

[...] e virando-se para Obinze, repetiu as palavras da filha com um sotaque britânico exagerado. “Mãe, eu poderia beber um, por favor? Viu como ela está chique? Há! Minha filha vai ser alguém na vida. É por isso que todo o nosso dinheiro vai para a escola Brentwood.”

[Obinze reage à atitude liberal de Ojiugo com os filhos]:

“Por falar em sotaques”, disse Obinze, “será que você deixaria Nna fazer isso se ela não tivesse um sotaque estrangeiro?”

“Como assim?”

“[...] eu estava pensando que os nigerianos daqui perdoam tantas coisas nos filhos porque eles têm sotaque estrangeiro. As regras são diferentes”.

“Mba, a questão não é o sotaque. É porque na Nigéria as pessoas ensinam seus filhos a terem medo em vez de respeito.”

Ojiugo se orgulha do sotaque britânico de sua filha Nne. O sotaque da filha é abraçado como sinal de polidez, como um poderoso capital simbólico para uma nigeriana na Inglaterra. O adjetivo “chique” empregado para elogiar a filha, revela que o sotaque apreendido representa requinte, refinamento social. É também um passaporte para uma vida digna, para ser “alguém na vida”. É por isso que lutam para investir em uma educação britânica. Instantes depois, Obinze confronta Ojiugo ao questionar seu comportamento liberal. Ao perceber o tom positivo com o qual a mãe valora o sotaque da filha e sua reação quando a filha põe em uso o seu inglês “perfeito”, Obinze compreende que os pais buscam recompensar seus filhos pelo

esmero em desenvolver aquela forma de falar o inglês. Os pais se sentem realizados com o resultado que vêm nas afetações linguísticas de seus filhos. Obinze faz referência a “os nigerianos daqui” para se dirigir diretamente a Ojiugo e Nicholas, cujas vozes reverberam as vozes de outros pais nigerianos imigrantes. Pode-se destacar também episódios que revelam a expressiva valorização da formação acadêmica fora do país, como no extrato abaixo:

[Sobre tia Onenu, chefe de Ifemelu em seu novo ambiente de trabalho ao retornar à Nigéria]:

Tia Onenu gostava de dizer: “A maior parte dos meus funcionários se formou no exterior, enquanto aquela mulher da Glass contrata uma ralé que não sabe pontuar uma frase!”

O fato de seus funcionários terem recebido uma formação fora da Nigéria era motivo de orgulho para tia Onenu: seus funcionários tinham prestígio e eram profissionais distintos porque seu maior capital simbólico era a formação recebida fora do país. Pode-se inferir que, na voz da personagem, isso os tornava melhores e mais capazes do que os da outra empresa, pois receberam uma educação de nível muito superior que os confere maior habilidade linguística: empregam um inglês supostamente melhor e mais acurado. Em suma, a experiência no exterior e a incorporação de um inglês estrangeiro são elementos que legitimam excelência/qualidade e que garantem prestígios e privilégios no contexto profissional.

Como comentado na introdução deste trabalho, a Educação tem um papel central na vida nigeriana no que tange à relação entre língua e identidade. Ela opera como meio de imposição linguística e cultural desde os tempos coloniais. Tendo em vista a relação íntima entre língua, cultura e identidade (COELHO; MESQUITA, 2013), pode-se dizer que as experiências educacionais retratadas pelos episódios da história refletem como o ensino contribui para a formação identitária dos nigerianos ao privilegiar a língua hegemônica (que passa a ser usada na esfera pública) e secundarizar as línguas autóctones, que acabam ficando às margens no cotidiano popular. Este aspecto é similar ao que também ocorrera em outros contextos colonizados, como expõe Fanon (op.cit.) no caso antilhano, onde a língua crioula era proibida e o francês perpetuado como língua da vida social e administrativa. Assim, faz-se necessário utilizar a língua do opressor para se

comunicar não só no ambiente acadêmico, mas sim também no todo social, para existir enquanto cidadão na sociedade (hooks, 2008).

4.6 POSTURA CONTRA-HEGEMÔNICA

Ao longo da narrativa, percebemos que alguns personagens igbo assumem uma postura mais crítica em relação a alguns aspectos linguísticos e identitários. Nos trechos a seguir, estes personagens têm atitudes que se alinham de certa forma às perspectivas de Quijano (2006) e Kilomba (2021) a respeito de um comportamento decolonial que questiona as estruturas hegemônicas de poder. Um destes episódios é quando Ifemelu decide parar de forçar o uso de um sotaque americano:

[Ifemelu decide parar de forçar o sotaque americano]:

Ifemelu decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano num dia ensolarado de julho, o mesmo dia em que encontrou Blaine. Era um sotaque convincente. Ela o aperfeiçoara, ouvindo com cuidado amigos e apresentadores de noticiário, a contração do tê, o enrolado profundo do erre, as frases começando com “então” e a resposta fácil, “é mesmo?”, mas o sotaque tinha rachaduras, era consciente, precisava ser lembrado. Se Ifemelu estivesse em pânico, não ia lembrar como produzir aqueles sons americanos. [...] Sua decisão foi tomada devido a uma ligação de telemarketing.

[Ifemelu falando em inglês sem sotaque americano após a ligação de telemarketing recebida]:

Falou pela primeira vez sem o sotaque americano naquela tarde na estação da rua 13, inclinando-se na direção da mulher atrás do balcão da Amtrak. [...] Aquela era mesmo ela; era a voz com que falaria se acordasse de um sono profundo no meio de um terremoto.

Após ser comparada a uma nativa americana por um atendente de *telemarketing* americano, Ifemelu, que tanto se empenhou em domesticar sua língua, se espanta com sua sensação de realização, de objetivo atingido. Ao dizer “obrigada” ao atendente que a “elogiara” por seu sotaque, passa a pensar na razão pela qual apreender aquele sotaque seria motivo de sucesso. Ela se percebe uma outra pessoa, distante de quem era, alguém rendida às forças coercitivas daquele novo contexto. Rapidamente, sua pequena vitória se torna em revolta ao perceber

as novas “amarras coloniais” que a envolviam. Em sua primeira experiência após a decisão de não falar mais com sotaque americano, Ifemelu se sente novamente empoderada, sente-se ela mesma, com um sotaque natural o qual não precisaria forçar para reproduzir. O marcador “era mesmo ela”, sugere o emprego do sotaque nigeriano como um elemento importante na constituição identitária de Ifemelu, uma mulher de raízes igbo. O demonstrativo “aquela” sugere a existência de uma “outra”, a mulher que outrora se empenhava em falar igual ao opressor, uma outra identidade com a qual ela não se identifica mais. A atitude de ruptura de Ifemelu com o sotaque americano pode ser compreendida como uma postura decolonial de acordo com Kilomba (2021). A personagem se reinventa a si mesma, vencendo o estágio de negação, superando a ambivalência pelo Outro e se identificando com seu eu igbo, não se definindo mais como um lado da alteridade que está à mercê da agência do Outro. Ela passa a assumir um papel de protagonismo, deixando a Outridade ao libertar-se da dinâmica colonial imposta por meio da imposição linguística. Tal comportamento gera um impacto em sua relação com a amiga Ranyinudo ao voltar para a Nigéria, como mostrado nos seguintes extratos:

[Ranyinudo conversando com Ifemelu quando esta retorna finalmente à Nigéria]:

“*Americanah!*”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!”

[Ifemelu se irrita com o resultado da reforma feita no banheiro de seu novo apartamento, tendo intimidado o homem dos azulejos com seu comportamento agressivo. Após a discussão ocorrida, Ranyinudo conversa com Ifemelu]:

Depois, Ranyinudo lhe disse: “Você nem está mais se comportando como uma *americanah!*”. E, mesmo sem querer, Ifemelu ficou satisfeita de ouvir isso.

Embora Ifemelu perceba o mundo ao redor de outra forma após o contato com a realidade americana, Ranyinudo sugere que a amiga falhou em apreender um elemento identitário fundamental (e a expressão “se pelo menos” sugere a essencialidade deste elemento) para que pudesse ser identificada como *americanah*: a língua/linguagem. A postura de Ifemelu diante da questão linguística e comportamental após sua vivência na América é bastante subversiva, pois contradiz o paradigma estabelecido pelos nigerianos recém-regressos. A voz de

Ranyinudo sugere que Ifemelu era ainda apenas uma nigeriana, mesmo depois de muitos anos fora do país. No segundo extrato, ao reprovar o comportamento de Ifemelu, Ranyinudo dá a entender que a identidade de uma *americanah* abarca traços de uma suposta “polidez” e um “refino” que são aspectos diametralmente opostos aos traços mostrados por Ifemelu na visão da amiga. Ao invés de se sentir triste por não ser identificada pela amiga como uma *americanah*, Ifemelu se sente feliz, uma vez que também não se vê nessa identidade imaginada. Ela se torna sujeito, não se define como dependente de sua relação com o seu Outro (KILOMBA, 2021). Sua satisfação se torna plena e inevitável porque isso é algo visível naturalmente para os outros ao seu redor. Ifemelu também apresenta uma postura de resistência no encontro com os nigerpolitas, nigerianos recém-regressos cheios de afetações linguística e aversões à sua cultura igbo. Através da voz narradora, compreendemos que Ifemelu estranhou e contrariou a postura dos colegas nigerpolitas ao falarem sobre a culinária nigeriana e o Nollywood (nome dado ao cinema de produção nigeriana).

Como visto na sessão anterior, o personagem Obinze também apresenta uma perspectiva questionadora ao falar da atitude liberal que a esposa de seu primo tinha com os filhos, pois supervalorizam a língua do Outro em detrimento da sua. Por que nigerianos igbo necessitam se subjugar a estas imposições linguísticas para serem legitimados? Por que as regras são diferentes só porque o(a) filho(a) fala um inglês britânico “perfeito” ao invés do igbo? Assim, tanto Obinze e Ifemelu apresentam posturas questionadoras que, em relação dialógica com a perspectiva e atitude de outros personagens, configuram um contraponto que nos remete ao pensamento de Quijano (2005). É preciso questionar e se libertar “do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente distorcida”, de “deixar de ser o que não somos” (ibid., p. 139).

4.7 ELEMENTOS DA CULTURA IGBO

Ao longo da obra, a autora Chimamanda Adichie retrata a presença de alguns elementos associados à cultura igbo, permitindo ao leitor conhecer um pouco destes através das referências feitas. Um destes elementos é a música. O *afrobeat*, ritmo marcante na cena musical nigeriana, é apresentado em um momento em que

Obinze apresenta a Ifemelu o artista Fela Kuti, um dos nomes mais emblemáticos do estilo:

[Sobre Obinze, que apresentara o *afrobeat* a Ifemelu na juventude]:

Antes disso, ela achava que Fela era um maconheiro maluco que fazia show de cueca, mas passou a amar o *afrobeat*,

A canção Yori Yori de Bracket, um duo de *afropop* e R&B, é também citada em uma passagem, após Ifemelu reencontrar Obinze em seu retorno à Nigéria.

[Ifemelu e Obinze escutam música nigeriana no carro, a caminho da casa de Ifemelu]:

Ifemelu não se esqueceria esse momento, sentada ao lado de Obinze em seu Range Rover parado no trânsito ouvindo “Yori Yori” – *Your love dey make my heart do yori yori. Nobody can love you the way I do [...]*.

A letra da canção acima e as letras das canções de Fela Kuti mostram uma forma diferente de uso do inglês, com palavras diferentes da norma padrão mescladas com línguas locais, retratando a realidade multilíngue dos nigerianos. Essa mistura constitui o pidgin, uma espécie de língua franca que é reflexo da forma como os indivíduos se apossaram do inglês para usá-lo à sua maneira na comunicação cotidiana (DANLADI, 2013). Outro aspecto relevante no âmbito cultural e de grande importância na cultura igbo são os provérbios advindos da sabedoria popular:

[Os jovens Obinze e Ifemelu competem entre si para ver quem fala melhor em igbo e quem sabe mais provérbios na referida língua]:

- “Mas aposto que falo igbo melhor que você. ”
- “Impossível”, afirmou Obinze, passando a falar igbo. “*Ama m atu inu*. Eu sei até os provérbios. ”
- “Claro. O mais básico, que todo mundo sabe. Um sapo não corre à tarde por nada. ”
- “Não. Eu conheço provérbios sérios. *Akota ife ka ubi, e lee oba*. Se algo maior que a fazenda é desenterrado, o celeiro é vendido. ”
- “Ah, você quer me testar? ”, perguntou ela, rindo. “*Acho afu adi ako n’akpa dibia*. O saco do homem dos remédios tem todo tipo de coisa. ”
- “Nada mau”, disse ele. “*E gbuo dike n’ogu uno, e luo na ogu agu, e lote ya*. Se você matar um guerreiro numa briga local, vai se lembrar dele quando estiver lutando contra seus inimigos. ”

Trocaram provérbios. Ifemelu só lembrava mais dois quando desistiu, mas Obinze continuava em ponto de bala.

- “Como você sabe tudo isso? ”, perguntou ela, impressionada. “Muitos meninos não querem nem falar igbo, quanto mais saber provérbios. ”

- “Fico escutando a conversa dos meus tios, só isso. Acho que meu pai gostaria disso. ”

No diálogo acima, Obinze e Ifemelu mostram ser exceções em um contexto onde muitos jovens não demonstram interesse nas línguas locais e incorporam a língua inglesa em suas vidas. A declaração de Obinze reforça ideia de que esta conexão com a língua e cultura igbo advém da propagação oral do saber popular, do convívio social com familiares de gerações anteriores – uma herança transmitida. Os provérbios aqui são ditos pelos personagens – escritos pela autora – em igbo, contribuindo para um maior contato dos leitores com a língua e a cultura igbo. A valorização deste aspecto e de sua importância em suas identidades enquanto igbo está intimamente relacionada à ideia de decolonialidade posta por Quijano (2005), tal que saberes outros para além daqueles eurocêntricos são resgatados e enaltecidos. A autora do livro traz elementos que reverberam a preciosidade desse conhecimento negligenciado e invisibilizado pelo eurocentrismo.

Em outra passagem, Obinze esboça uma visão que valoriza a realidade local e se opõe a uma imposição cultural. Ao discutir o projeto de cozinhas para casas nigerianas, o personagem descreve como é essa realidade desconhecida da cultura popular de muitos nigerianos e se recusa a empreender algo que não condiz com esse contexto:

[Obinze e Nigel discutindo o projeto de cozinhas para as propriedades a serem vendidas na Nigéria]:

“Nigel, não vou usar esse projeto. Uma cozinha americana nunca daria certo com os nigerianos, e nosso público-alvo são eles [...]. Projetos com cozinha americana são para estrangeiros, e os estrangeiros não vão comprar propriedades neste país.” Ele já havia dito muitas vezes a Nigel que a culinária nigeriana não era cosmética, com todos aqueles pilões. Era suada e apimentada, e os nigerianos preferiam apresentar o produto final, não o processo.

Obinze opta por um projeto de cozinha que seja funcional para o nigeriano e não uma mera cópia de um modelo estrangeiro. Obinze entende que a arquitetura da cozinha nigeriana condiz com o aspecto cultural do país e com a realidade do

indivíduo nigeriano, cuja preocupação maior era com a comida preparada e não com o processo culinário como em outras culturas estrangeiras.

Em suma, a análise das sete categorias emergentes (uso do igbo no cotidiano; sotaques e afetações linguísticas; conflitos linguísticos e hegemonia da língua inglesa; supervalorização da experiência estrangeira, educação; postura contra-hegemônica; e elementos da cultura igbo) a partir do conteúdo de suas unidades identificou diversos desdobramentos da relação entre língua e identidade nos episódios vivenciados pelos personagens nigerianos na obra. Por meio da Análise Textual Discursiva, busquei ir para além da mera descrição dos dados, sendo possível interpretar as informações e levantar alguns apontamentos críticos por meio da articulação com o referencial teórico selecionado. Com base nos metatextos referentes a cada categoria, é possível perceber que os elementos língua e identidade estão intimamente imbricados na vivência dos personagens nigerianos e que a autora – uma mulher nigeriana e que declaradamente expressa em sua escrita a sua própria experiência e percepção da realidade –, busca representar um pouco do complexo quadro de tensões e conflitos que os nigerianos vivem em relação à língua do opressor – o inglês – em suas experiências dentro e fora do país.

Os resultados das análises deste capítulo dão base para as considerações finais que serão feitas a seguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura da obra "Americanah", da autora nigeriana Chimamanda Adichie, a referida pesquisa teve como objetivo investigar de que formas a narrativa, através dos conflitos e experiências dos personagens, retrata e problematiza as relações entre língua e identidade, voltando-se para uma perspectiva contra-hegemônica. A proposta foi identificar quais aspectos da relação entre língua e identidade são apresentados pela narrativa.

Tendo este fim em vista, lancei mão da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011) enquanto metodologia de análise que contemplasse a natureza discursiva da pesquisa. Neste sentido, busquei levantar enquanto unidades de análise enunciados da obra que retratassem questões linguísticas evidenciadas pelos conflitos e experiências tidas pelos personagens nigerianos. Após esse processo, por meio do estabelecimento de relações e comparações entre as unidades de análise, arranjei-as em diferentes categorias emergentes, definidas a posteriori. Em seguida, tendo como objetivo realizar não apenas uma mera descrição dos achados, mas sim também uma interpretação e uma crítica, contei com a contribuição do referencial teórico descrito no Capítulo 3 deste trabalho, articulando os conhecimentos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Decolonialidade. Como fruto desta análise, pude captar um novo emergente, comunicado por meio de metatextos descritivo-interpretativos.

A partir das análises realizadas, foram identificadas sete categorias traduzindo diferentes aspectos da relação entre língua e identidade. Na primeira categoria, **“uso do igbo no cotidiano”**, foi possível perceber que a narrativa retrata o uso da língua autóctone no cotidiano dos indivíduos nigerianos paralelamente ao uso do inglês, especialmente na dinâmica cotidiana informal. Essa alternância do igbo com o inglês, bem como o uso do inglês pidgin mostram como a língua do opressor (hooks, 2008) fora apropriada e incrementada pelos nigerianos. Essa língua não é somente usada na Nigéria como também é mostrada em uso por indivíduos na diáspora. Em suma, a língua igbo é posta como integrante do constructo identitário dos indivíduos nigerianos em suas relações sociais mais imediatas.

Em **“sotaques e afetações linguísticas”**, viu-se que a autora descreve a existência de um inglês nigeriano, dotado de um sotaque e uma forma de falar,

sendo parte identitária dos personagens igbo da obra. Entretanto, os personagens vivem experiências nas quais suas formas de falar apresentam afetações linguísticas, sob a influência hegemônica dos sotaques americano e britânico em diferentes situações. Entre nigerianos, o uso de um sotaque diferente e uma forma afetada de falar era sinal de detenção de um capital simbólico (distinção social, econômica, intelectual...) que diferenciava um indivíduo do outro na relação. Assim, este indivíduo mais afetado está mais próximo de um ideal cujo parâmetro é o colonizador britânico, sinônimo de civilização e polidez. Importante ressaltar que o ranço colonial contribui em muito para este cenário, como discutido na categoria “Educação”. Já fora do país (Estados Unidos e Inglaterra), os personagens nigerianos assumem igualmente uma nova forma de falar, ao assimilar de forma deliberada a cultura e a língua do seu Outro, sendo este tanto um capital simbólico como um mecanismo de sobrevivência contra uma realidade opressora, xenofóbica e racista. Assim, diferentes sotaques coexistem como diferentes traços de identidades nestes sujeitos, e são postos em ação de forma estratégica e sempre numa relação dialógica e alteritária, tendo como referência o outro lado da interação.

Na terceira categoria, **“conflitos linguísticos e hegemonia da língua inglesa”**, ressaltam-se as diversas experiências que os personagens vivem no contato com o inglês do seu Outro (britânico e estadunidense). Isto evidencia a pluralidade de ingleses e as relações de poder que se estabelecem quando um desses ingleses é colocado em posição hegemônica. Tal conflito aparece em diferentes formas, como na influência que palavras de um vocabulário e pronúncias podem ter em outro contexto e na coerção social que oprime, fazendo com que a língua inglesa do nigeriano seja deslegitimada por não ser considerada o inglês padrão, forçando os indivíduos a assimilar a forma de falar hegemônica do seu Outro e domesticando assim sua própria fala – e seu comportamento, inclusive. Faz-se assim necessário apreender a língua do opressor para se expressar, viver, existir nesse contexto (hooks, 2008). Fica evidente a relação assimétrica entre os falantes de diferentes ingleses neste conflito: o nigeriano não é compreendido pelo americano ou pelo britânico e “deve” mudar sua língua para poder ter oportunidades e prestígio, enquanto o mesmo não ocorre quando um nigeriano não compreende as formas de falar americana ou britânica, com seus sotaques e suas informalidades.

Na categoria **“supervalorização da experiência estrangeira”**, a obra retrata a apreciação excessiva da experiência intercultural de indivíduos nigerianos

regressos de sua vivência em países estrangeiros. Os detentores desta experiência eram cultuados, uma vez que este capital cultural era tão apreciado por representar um distintivo social e abrir caminho para oportunidades profissionais para jovens nigerianos que tivessem uma educação no exterior. Essa valorização da experiência estrangeira se dava também por parte dos próprios nigerianos regressos a seus países de origem, os quais se viam como santificados, possuidores de um brilho extra de prestígio e de um uso da língua e atitudes que os diferenciava dos demais jovens igbo. Como observado por Fanon (2008), o contato com a cultura eurocêntrica era visto como algo que tornava os colonizados mais “brancos”, percebidos como mais “semelhantes” ao seu Outro – e, por isso, mais apreciados por seus conterrâneos.

Na categoria “**educação**”, a relação entre língua e educação é abordada, retratando a educação ofertada aos personagens nigerianos e sua relevância na formação identitária quanto ao aspecto linguístico. Tal educação é fortemente anglófona, valorizando o inglês falado na antiga metrópole e a cultura britânica e contando com professores com afetações linguísticas – ou seja, um vetor por meio do qual a língua e a cultura do Outro impregnavam os jovens igbo. Fora do país, os igbo na diáspora buscam garantir uma educação básica que priorize a língua inglesa do país onde vivem, evitando o uso da língua autóctone em suas casas – já que a apreensão da forma de falar do Outro é uma chance para o futuro profissional e um sinal de refinamento social. Uma formação universitária fora do país é assumida como sinônimo de superioridade intelectual e de maior habilidade linguística, por supostamente empregarem um inglês “mais acurado” e “melhor”.

A análise da categoria “**postura contra-hegemônica**” nos permite perceber a postura crítica de alguns personagens em relação a questões linguísticas e identitárias. Estes personagens questionam estruturas hegemônicas de poder, ao recusarem o uso forçado de um sotaque estrangeiro ou questionarem o porquê de se subjugar à imposição linguística do opressor. São atitudes de tomada de consciência do quanto essa opressão do Outro suprime aspectos identitários com os quais se identificavam enquanto igbo, percebendo-se como uma outra pessoa. São posicionamentos em direção à libertação do espelho eurocêntrico que distorce quem se é (QUIJANO, 2005), não se definindo mais a partir da relação assimétrica imposta pelo Outro, sendo protagonistas de seus próprios enredos (KILOMBA, 2021).

Por fim, a categoria “**elementos da cultura igbo**” congrega retratos da presença de alguns elementos associados à cultura autóctone, como o ritmo musical *afrobeat* de Fela Kuti e o *afropop* do grupo Bracket. Estes estilos musicais possuem canções que empregam o pidgin, misturando inglês com línguas locais – uma língua franca que é reflexo de como os oprimidos se apossaram da língua do opressor (hooks, 2008). Outros elementos são os provérbios igbo – que exaltam a sabedoria e o conhecimento periférico invisibilizado e deslegitimado pelo eurocentrismo (QUIJANO, 2005) – e os costumes cotidianos dos igbo. Há assim elementos que buscam enaltecer a diversidade da cultura nigeriana, em especial da cultura igbo, ressaltando a relação entre cultura e língua na formação identitária igbo, em contraponto dialógico com os episódios em que as culturas britânica e americana são supervalorizadas pelos nigerianos.

Buscando responder às questões postas enquanto problemas de pesquisa, é possível dizer que os resultados obtidos na análise apontam para uma estreita relação entre língua e identidade – como evidenciados pelas categorias anteriormente elencadas – e que tal relação é estabelecida sempre em uma assimetria hegemônica de poder entre o nigeriano igbo e o seu Outro. Aspectos como o sotaque, a linguagem e o repertório léxico, por exemplo, são abordados em uma constante tensão, um conflito no qual o indivíduo periférico sofre a imposição linguística por parte da figura hegemônica, apreendendo a forma de falar do Outro e a sua cultura dentro de um sistema ideológico eurocêntrico. A partir da identificação com diferentes identidades às quais estão associados respectivos aspectos linguísticos, o indivíduo assume estrategicamente diferentes identidades em uma espécie de jogo (HALL, 2006): na relação alteritária com outro igbo, o indivíduo assume uma forma de falar e um dado comportamento e, quando a presença do Outro britânico ou norte-americano, coloca em ação uma língua afetada e busca apreender traços socioculturais de seu Outro. Estes indivíduos comportam dentro de si diferentes traços de identidades que se cruzam e se deslocam mutuamente, e que mudam “de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado”, tal que “a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2006, p. 21). Faz-se interessante notar aqui que este posicionamento estratégico de uso da língua se dá por diferentes objetivos intencionados, como a posse de um

capital simbólico distintivo no meio social ou uma forma de contornar o preconceito e a discriminação sofrida na diáspora.

Pode-se dizer também que, em resposta às questões postas na pesquisa, a obra assume um viés crítico ao trazer personagens com posicionamentos questionadores – como a própria protagonista Ifemelu e Obinze, seu par romântico –, como exposto na categoria “postura contra-hegemônica” dos resultados da análise. Ao questionar os ranços coloniais existente nas tensões e dilemas linguísticos com que se deparam, assumem uma postura de subversão: não usar a língua e o sotaque hegemônicos, não buscar corresponder ou atender às demandas de seu Outro na relação estabelecida e romper com a naturalidade com a qual a língua e o contexto sociocultural do Outro são valorizados em detrimento de sua própria língua e cultura. Ademais, a autora busca evidenciar os traumas dos personagens periféricos, humanizando-os e mostrando-os em sua complexidade. Ifemelu, uma mulher negra nigeriana, passa por situações traumáticas e passa a agir em inconformidade à relação linguística impositiva que tanto a subjugou. Ela sai de uma posição de negação, em que assume o sotaque do Outro, e caminha rumo a uma posição decolonial, onde passa a ter agência própria e não se definir em uma relação de subordinação ao Outro, assumindo-se como sujeito. Ao longo da obra, a autora também quebra a hegemonia linguística de um inglês britânico ou americano como um padrão ao mostrar que existe uma pluralidade de ingleses, como o nigeriano, com suas próprias formas de falar e sotaque.

É importante salientar o que Nunes (2016) discorre acerca da autora da obra. Chimamanda Ngozi Adichie é uma mulher cuja preocupação se volta a rever a história e o contexto da Nigéria, um empreendimento que se alinha ao ideal decolonial (QUIJANO, 2008). Ela busca ocupar um lugar político por meio da escrita, e, como compreende Muniz (2020), há uma relação com a literatura pós-colonial em sua obra, revelada tanto na jornada diaspórica da autora como das personagens ao problematizar alteridade, identidade e resistência – como visto nos resultados desta pesquisa. Assim, embora a obra “Americanah” seja um romance, com personagens e tramas fictícios, seu teor está vinculado a uma realidade vivida pela autora, refletindo suas percepções e reflexões críticas. “Americanah” problematiza a complexa teia que envolve identidades, línguas e culturas na qual nigerianos, tanto em sua terra natal quanto em condição diaspórica vivem. Através de um viés problematizador, revela uma realidade desconhecida (e invisibilizada) por muitos,

contribuindo assim para o fim decolonial de contar histórias não contadas, mostrar contextos negligenciados, complexar vidas cristalizadas e valorizar saberes deslegitimados.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AJULO, S. Reflections on sections 51 and 91 of the 1979 Constitution of the Federal Republic of Nigeria. **African Affairs**, v. 89, n. 357, p. 511-522, 1990.

ANDRADE, M. G. L. **Perfil Cultural da Nigéria**. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa. ISCTE Business School, Lisboa.

ANUKAENYI, B. Language Diversity and Language Policy in Education in Nigeria – A Critical Review. **International Conference on Teaching, Learning & Education**. Berlim, mar. 2019.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: HUCITED, 2006.

BERTAGNOLLI, G. Da colonial idade à descolonialidade: diálogos de ciência a partir de uma “epistemologia do Sul” - uma análise de comunidade quilombolas. **Revista Grifos**, n. 38/39, 2015.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAVALCANTE FILHO, U.; TORGA, V. As contribuições do Círculo de Bakhtin para a compreensão do gênero discursivo Divulgação Científica. **Litterata**, v.2, n.1, 2012.

COELHO, L.; MESQUITA, D. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, v.4, n.1 p. jun./jul. 24-34, 2013.

DANLADI, S. Language policy: Nigeria and the role of English language in the 21st century. **European Scientific Journal**, v. 9, n. 18, p. 1-21, jun. 2013.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FABUNMI, M. Historical Analysis Of Educational Policy Formulation In Nigeria: Implications For Educational Planning And Policy. **International Journal of African & African American Studies**, v.IV, n.2, p.1-7, jul. 2005

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GALLAS, L.; MACHADO, R. Para transcender a colonialidade. Entrevista com Luciana Maria de Aragão Ballestrin. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, v. 13, n. 431, nov. 2013. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

HALL, S. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, b. **Talking back: thinking feminist, talking black**. Boston: South End Press, 1989.

hooks, b. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Tradução de Carlianne Paiva Gonçalves, Joana Plaza Pinto e Paula de Almeida Silva. In: **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 857-864, set.- dez. 2008.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

NITONDE, R. Representation of Nigerian History and Diaspora in Chimamanda Ngozi Adichie's short stories. **The Criterion**, v.8, n.III, p. 1013-1017, jun. 2017.

NUNES, A. Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. **Revista África(s)**, v.3, n.5, p.129-145, jan./jun., 2016.

MUNIZ, D. Resistência decolonial e rearticulações identitárias em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Entre Parênteses**, n. 9, v. 2, 2020.

OGUNMODIMU, M. Language Policy in Nigeria: problems, prospects and perspectives. **International Journal of Humanities and Social Science**, v.5, n.9, set. 2015.

OLIVEIRA, L.; CANDAU, V. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p.15-40, abr. 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

UDO, R.; FALOLA, T.; AJAYI, J.; KIRK-GREENE, A. Nigeria: History. In: **Encyclopaedia Britannica**. <<https://www.britannica.com/place/Nigeria/History>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

VISENTINI, P. **O Livro na Rua: Nigéria**. Série Diplomacia ao alcance de todos (Coleção Países). Brasília: Thesaurus Editora, 2011.